

sumário

CFFa

- 04 Fonoaudiologia completa 30 anos de regulamentação
- 06 Os caminhos da Fonoaudiologia no SUS
- 07 Cursos de graduação consolidaram a Fonoaudiologia no Brasil
- 08 30 anos de regulamentação da profissão de fonoaudiólogo: o que ainda precisamos fazer?

CREFONO 1

- 10 O que os 30 anos de regulamentação da Fonoaudiologia significam para mim?
- 13 Por que Fonoaudiologia?

CREFONO 2

- 14 Breve relato da história da Fonoaudiologia
- 17 Fórum: Atuação Fonoaudiológica em Saúde do Trabalhador

CREFONO 3

- 18 De “terapeutas da fala” para fonoaudiólogos
- 20 Fiscalizar, orientar e promover
- 21 Um relato: delegada de Londrina-PR

CREFONO 4

- 22 Pernambuco: porta de entrada da Fonoaudiologia no Norte/Nordeste
- 24 Perspectiva é de crescimento da Fonoaudiologia no Nordeste
- 25 A Fonoaudiologia nos estados da 4ª Região

CREFONO 5

- 26 Histórico da Fonoaudiologia no Tocantins
- 26 História da Fonoaudiologia no Amapá
- 27 História da Fonoaudiologia em Rondônia
- 27 A Fonoaudiologia em Roraima
- 28 Fonoaudiologia no Distrito Federal
- 28 Breve histórico em Goiás
- 29 A Fonoaudiologia no Pará

CREFONO 6

- 30 Fonoaudiologia na 6ª Região, mais do que 30 anos de história
- 32 Criação dos primeiros cursos de Fonoaudiologia
- 33 Agradecimento aos fonoaudiólogos pioneiros

CREFONO 7

- 34 Os 30 anos de Fonoaudiologia como profissão regulamentada

CREFONO 8

- 36 Retrospectiva: a Fonoaudiologia no Ceará
- 38 A Fonoaudiologia no Piauí
- 39 Fonoaudiologia em São Luís-MA
- 39 Fonoaudiologia no Rio Grande do Norte

As matérias da Revista Comunicar são de responsabilidade de seus respectivos Conselhos, conforme listado acima.



SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA

CFFA - 10º COLEGIADO
Gestão abril/2011 a abril/2012

Bianca Arruda Manchester de Queiroga – Presidente
Carla Monteiro Girodo – Vice-Presidente
Charleston Teixeira Palmeira – Diretor-Secretário
Jaime Luiz Zorzi – Diretor-Tesoureiro

CONSELHOS REGIONAIS
Gestão abril/2011 a abril/2012

CREFONO 1
Cláudia Maria de Lima Graça – Presidente
Cláudia Magalhães C. D' Oliveira – Vice-Presidente
Adriana Dile Bloise – Diretora-Secretária
Henrique de Albuquerque Carvalho – Diretor-Tesoureiro

CREFONO 2
Thelma Regina da Silva Costa – Presidente
Fabiana Gonçalves Cipriano – Vice-Presidente
Maria do Carmo Redondo – Diretora-Secretária
Sílvia Tavares de Oliveira – Diretora-Tesoureira

CREFONO 3
Ângela Ribas – Presidente
Ana Paula Pamplona da Silva Muller – Vice-Presidente
Jackeline Martins – Diretora-Secretária
Solange Pazini – Diretora-Tesoureira

CREFONO 4
Ana Cristina de Albuquerque Montenegro – Presidente
Maria da Glória Canto de Sousa – Vice-Presidente
Sandra Maria Alencastro de Oliveira – Diretora-Secretária
Cleide Fernandes Teixeira – Diretora-Tesoureira

CREFONO 5
Sílvia Maria Ramos – Presidente
Márcia Regina Salomão – Vice-Presidente
Caroline Silveira Damasceno – Diretora-Secretária
Rodrigo do Carmo Dornelas – Diretor-Tesoureiro

CREFONO 6
Graziela Zanoni de Andrade – Presidente
Juliana Lara Lopes – Vice-Presidente
Andrea Wanderley Dias Gattoni – Diretora-Secretária
Enka Bottero Silva – Diretora-Tesoureira

CREFONO 7
Marlene Canarim Danesi – Presidente
Themis Maria Kessler – Vice-Presidente
Nádia Maria Lopes de Lima e Silva – Diretora-Secretária
Cristina Moreira – Diretora-Tesoureira

CREFONO 8
Hyrana Frota Cavalcante de Vasconcelos – Presidente
Karine Medeiros Carvalho – Vice-Presidente
Claudia Sobral de Oliveira Uchoa – Diretora-Secretária
Danielle Levy Albuquerque de Almeida – Diretora-Tesoureira

REVISTA COMUNICAR
PRODUÇÃO EDITORIAL



Liberdade de Expressão – Agência e Assessoria de Comunicação
www.liberdadeexpressao.inf.br

Jornalista responsável – Patrícia Cunegundes (JP 1050 DRT/CE)
Reportagem – Rafael Nascimento
Edição – Rogério Dy la Fuente/Revisão – Joira Coelho e Cecília Fujita
Projeto gráfico – Ana Helena Melo
Diagramação: Wagner Ulisses
Capa: Alessandro Santanna

IMPRESSÃO
Plural Editora e Gráfica Ltda.

TIRAGEM
45.000 exemplares

PARA ANUNCIAR
Tel. (0 ** 61) 3322-3332
e-mail: fono@fonoaudiologia.org.br

Como entrar em contato com a revista Comunicar:
SRTVS Qd. 701, Ed. Palácio do Rádio II – Bl. E, Salas 624/630
Tel. (0 ** 61) 3322-3332/3321-5081/3321-7259
Fax (0 ** 61) 3321-3946
e-mail: imprensa@fonoaudiologia.org.br
Site: <http://www.fonoaudiologia.org.br>

Valorização da profissão

O ano de 2011 é marcante para nós, fonoaudiólogos. Afinal, comemoramos os 30 anos de regulamentação da nossa profissão. Mas o momento não é apenas de celebração. É, também, a ocasião ideal para darmos o devido valor àqueles que se empenharam durante anos para que hoje sejamos reconhecidos e respeitados por toda a sociedade.

Nesta edição comemorativa, a **Comunicar** relembra fatos que marcaram a trajetória da Fonoaudiologia antes e depois da regulamentação profissional. Ao longo dessas três décadas, muitas transformações ocorreram. Outras tantas deverão acontecer e, para isso, é preciso dedicação e empenho de todos.

Não adianta festejarmos os 30 anos de profissão regulamentada e esquecer do que podemos e devemos fazer para que tenhamos uma Fonoaudiologia mais forte. Precisamos nos inserir em diferentes contextos e conhecer as necessidades de diversos grupos sociais. Temos de avançar, e muito, nas questões de mobilizações políticas.

Nossa classe carece de mais pessoas engajadas, que reivindiquem, por exemplo, em conselhos municipais, estaduais e federais de saúde e de educação mais espaço para a Fonoaudiologia atuar.



Bianca Queiroga
Presidente do CFFA

Não podemos pensar só nas oportunidades de trabalho. Devemos agir, também, movidos pela responsabilidade social que assumimos. Somos detentores de um conhecimento que pode ajudar a mudar a vida das pessoas.

Nesse sentido, faço-lhes uma provocação: como você idealiza a Fonoaudiologia daqui a dez anos? Leia as próximas páginas e, baseado nas histórias contadas pelos repórteres e fonoaudiólogos, reflita sobre seu futuro profissional.

Boa leitura!

A revista Comunicar agora pode estar no seu smartphone. Para acessar o conteúdo, seu aparelho precisa ter câmera fotográfica, acesso à internet e um aplicativo para decifrar o QR Code. Com todos esses requisitos, basta aproximar a câmera da figura ao lado e esperar que o aplicativo leia o símbolo. Pronto! Você poderá guardar as edições da revista Comunicar e compartilhar com quem quiser.

Fonoaudiologia completa 30

Rafael Nascimento,
Repórter

A história da Fonoaudiologia mostra que, desde 1950, a categoria já se mobilizava para apresentar à sociedade uma atividade que, até então, era pouco conhecida. Congressos, palestras, simpósios, reuniões e inauguração de centros especializados eram alguns dos eventos que ocorriam frequentemente até regulamentação da Fonoaudiologia, em 9 de dezembro de 1981, por meio da Lei nº 6.965.

À época, alguns acontecimentos até foram registrados em publicações. Outros permanecem na lembrança de personagens que participaram de movimentos para a regulamentação profissional. Uma dessas pessoas é Abigail Caraciki, integrante da primeira gestão do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa).

Antes de fazer parte da instituição, a fonoaudióloga ajudou a fundar o Centro de Terapia da Palavra – uma das denominações da Fonoaudiologia antes de ser conhecida como é hoje. Outras também utilizadas na época foram Logopedia, Terapia da Linguagem e Ortofonia e Reeducação da Linguagem.

O espaço funcionava no Rio de Janeiro e foi aberto logo que Abigail voltou de uma temporada de estudos na Inglaterra, em 1963. O Centro de Terapia da Palavra oferecia cursos

Reprodução do livro História da Fonoaudiologia no estado do Rio de Janeiro



Alunas de um dos cursos de Terapia da Palavra existentes em 1964.

e, segundo ela, a inauguração foi um momento importante para a categoria. “Deu visibilidade e ajudou a aumentar a procura por informações técnicas e profissionais na área”, conta Abigail Caraciki.

A fonoaudióloga acredita que, por conta da crescente demanda em busca do conhecimento dessa atividade em várias partes do país, o Conselho Federal de Educação publicou, em 1976, a Resolução nº 54, que regulamentava o curso de Tecnólogo em Fonoaudiologia.

MOTIVAÇÃO – Mas a decisão daquele Conselho limitava as pretensões de quem escolhia ser fonoaudiólogo. “Ela impedia que o profissional buscasse

o título de especialista e estacionasse na carreira”, diz Abigail Caraciki. Esse momento, de acordo com Terezinha Ponce, outra conselheira da primeira gestão do CFFa, “motivou as pessoas envolvidas com a profissão a agirem”.

Foi então que, em 1979, as mobilizações se intensificaram em favor da regulamentação. Terapeutas da palavra de várias partes do Brasil formaram a Comissão Nacional para a Regulamentação da Profissão de Fonoaudiólogo. Esse grupo era responsável pelo contato com senadores e deputados federais para convencê-los da importância da profissão para a sociedade.

A Comissão reuniu-se diversas vezes para definir o currículo mínimo,

anos de regulamentação

que estabelecia o tempo de duração do curso, e a quantidade de disciplinas necessárias para a atuação do fonoaudiólogo nos âmbitos científico, ético e humanístico. Dois anos depois, em 1981, a Lei nº 6.965 era aprovada no Congresso Nacional e também se instituía o CFFa, cuja tarefa inicial foi a de estabelecer critérios de reconhecimento do direito ao registro profissional.

REGULARIZAÇÃO – O processo de regularização da situação dos fonoaudiólogos depois da aprovação da lei foi extenso. O primeiro dos dez colegiados do CFFa, presidido por Maria Nélia Lacerda, teve de analisar as solicitações de pessoas que exerciam a profissão, inclusive das que não haviam feito cursos – sob qualquer uma de suas denominações, mas que desempenhavam a atividade há mais de cinco anos.

Esses pedidos foram examinados sem que membros do Conselho conhecessem os solicitantes. “A medida foi tomada para evitar protecionismos. A distribuição desses documentos era aleatória. Assim, os conselheiros recebiam processos de uma região que não a sua e davam seu parecer”, explica Terezinha Ponce. Ao final da primeira gestão, em 1983, 1.247 profissionais receberam o registro de fonoaudiólogo pelo CFFa. Hoje, 35.504 têm o título.

Atuação do CFFa ajuda a consolidar a profissão

Desde que foi regulamentada em 9 de dezembro de 1981 pela Lei nº 6.965, a Fonoaudiologia vem obtendo bons resultados em diversas frentes. Ao longo desses 30 anos, a categoria, por meio do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa), conseguiu ser inserida nas políticas públicas do Governo Federal – Sistema Único de Saúde, Núcleo de Atenção à Saúde da Família e Política Nacional de Saúde Auditiva.

Para defender os interesses da profissão, o CFFa também garantiu assento em conselhos das esferas municipais, estaduais e federais de saúde. Também obteve conquistas no Congresso Nacional, com a aprovação de algumas leis, como a do teste da orelhinha e outras que estão em tramitação na Câmara e no Senado com chances de serem aprovadas, como os projetos de lei da jornada máxima de 30 horas semanais e o da saúde auditiva.

Além disso, o Conselho regulamentou sete especialidades: Audiologia, Linguagem, Motricidade Orofacial, Voz, Saúde Coletiva e, mais recentemente, Disfagia e Fonoaudiologia Educacional. Houve, ainda, o reconhecimento de novas práticas de atuação, como a Fonoaudiologia Estética e o uso da estimulação eletromagnética, legitimadas por pareceres ou resoluções.

“Essas conquistas ocorreram porque, em três décadas, estruturamos uma instituição atuante e também soubemos escolher parcerias que contribuíram para o nosso trabalho em defesa da Fonoaudiologia”, resume Bianca Queiroga, presidente do CFFa.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA – Um desses parceiros é a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. A SBFa foi criada em 1988, por um grupo de fonoaudiólogos de Fortaleza (CE) que organizou o I Congresso Internacional de Fonoaudiologia. As contribuições científicas da entidade reafirmaram, ao longo dos anos, o papel da categoria diante da sociedade.

Desde sua criação, a SBFa notabilizou-se em várias gestões pela representatividade nacional e internacional e pela defesa da identidade e do exercício da profissão. Além disso, a criação do regimento e de comitês científicos, a publicação do primeiro *Tratado de Fonoaudiologia* e a disseminação desses conteúdos em congressos foram momentos que ajudaram a consolidar a SBFa no cenário nacional e, conseqüentemente, a Fonoaudiologia.

Os caminhos da Fonoaudiologia no SUS

Rafael Nascimento,
Repórter

A Fonoaudiologia começou a traçar sua trajetória na saúde pública antes de o Sistema Único de Saúde (SUS) ser aprovado em 1990, depois da atual Constituição Federal. Os primeiros registros da categoria nos serviços de saúde são da década de 1950. À época, eram realizadas terapias fonoaudiológicas em pacientes com problemas neurológicos, com foco na reabilitação.

Foi nos anos 1970 que os profissionais começaram a participar de mobilizações para garantir a toda população o direito integral à saúde. Esse movimento ficou conhecido posteriormente como Reforma Sanitária, e implicou uma série de transformações na saúde.

“Tratava-se de um conceito ampliado de saúde, que não considerava só a doença, mas o conjunto da vida do cidadão”, resume a fonoaudióloga especialista em Saúde Coletiva e com especialização em Saúde Pública, Maria Thereza Cavalheiro.

Mesmo com essa nova concepção de saúde, a atuação fonoaudiológica permanecia focada na área clínica. Mas, na década de 1990, ocorreu outro movimento da categoria, principalmente nas universidades, para rever os rumos que o exercício da Fonoaudiologia estava tomando. “Era uma iniciativa direcionada à Fonoau-

diologia preventiva”, afirma Maria Thereza Cavalheiro.

Em 2002, foram elaboradas pelo Ministério da Educação as Diretrizes Curriculares Nacionais, em que ficava estabelecido que todos os cursos de graduação na área de saúde deveriam incentivar a formação com o foco no SUS. “Foi uma decisão importante, porque passamos a discutir nacionalmente a necessidade de mudanças e de fortalecimento da formação para o SUS”, conta Maria Thereza Cavalheiro.

REORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Em 2004, o Aprender SUS, uma política direcionada para mudanças na graduação com base nos princípios e nas diretrizes do Sistema Único de Saúde, surge para construir uma relação de cooperação entre instituições de ensino superior (IES) e o SUS.

O Aprender SUS possibilitou, por exemplo, a criação do Fórum Nacional de Educação Profissional da Área da Saúde. O FNEPAS, como ficou conhecido, agregou as entidades de ensino de todo o país e conseguiu financiamentos para a realização de debates com a classe sobre a formação para o Sistema Único de Saúde.

Em 2008, o Governo Federal lançou outros dois programas que fortaleceram e ampliaram conjuntamente a formação do fonoaudiólogo ao consolidar sua inserção na rede pública de saúde.

O Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional

em Saúde (Pró-Saúde) surgiu com o objetivo de integrar o ensino-serviço dos cursos de saúde das IES, visando a uma mudança na formação profissional. Já o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) viabilizou a iniciação dos estudantes da área da saúde no trabalho, no estágio, nas pesquisas e nas vivências, de acordo com as necessidades do SUS.

NASF – De acordo com o Ministério da Saúde, o fonoaudiólogo está previsto como um dos profissionais na equipe do Núcleo de Atenção à Saúde da Família (NASF), mas sua presença não é obrigatória. Depende do gestor público. “O governante precisa ser sensibilizado do nosso papel na Atenção Básica. Muitos desconhecem que nós podemos fazer parte da equipe do NASF e outros sequer sabem da importância do nosso trabalho”, diz Maria Thereza Cavalheiro.

O NASF integra o plano estratégico Mais Saúde, lançado em 2007 e anunciado pelo governo como um salto para que os brasileiros possam melhorar significativamente suas condições de saúde e sua qualidade de vida, tendo mais acesso a ações e serviços de qualidade.

Mas são nas políticas de média e alta complexidade que o fonoaudiólogo tem participado com maior frequência. “Onde há serviço de saúde auditiva, obrigatoriamente, há fonoaudiólogo. Essa política para nós é muito preciosa”, afirma.

Cursos de graduação consolidaram a Fonoaudiologia no Brasil

USP imagens



Faculdade de Medicina da USP, local que acolheu o curso de Fonoaudiologia, em 1960.

Rafael Nascimento, Repórter

Os primeiros cursos de Fonoaudiologia de que se tem conhecimento no Brasil começaram suas atividades na década de 1960, antes mesmo da regulamentação da profissão. Foram várias situações que permearam a instalação de cursos no país. Mas uma delas, segundo a fonoaudióloga Isis Meira, foi determinante.

De acordo com a profissional que presenciou todo o processo de implantação dos cursos no Brasil, a viagem de dois profissionais da área à Argentina possibilitou que a Fonoaudiologia tivesse suas raízes fixadas primeiramente na Universidade de São Paulo (USP), em 1960, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1961, e na Universidade

Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1962.

“Mauro Spinelli e Américo Morgante foram fazer um estágio na área e conhecer as experiências do argentino Júlio Bernaldo de Quirós e voltaram com a ideia de implementar o curso no Brasil”, conta Isis Meira. Mesmo sem ser oficialmente reconhecidos pelos órgãos do Governo Federal, já que a profissão à época não era regulamentada, os cursos começaram a receber os interessados.

CURRÍCULO MÍNIMO – Esse fato levou a outro de igual importância para a consolidação da Fonoaudiologia no país. A grande procura pelos cursos fez o Conselho Federal de Educação encontrar um meio para normatizar a formação sem passar pelo Congresso: a aprovação da Resolução nº 54/76,

que estabelecia o curso de tecnólogo para a categoria. Essa ação foi prontamente questionada pela classe, que se mobilizou para criar o currículo mínimo, com duração de quatro anos.

O conteúdo desse currículo mínimo abrangia disciplinas específicas da Fonoaudiologia. “Além das matérias básicas, como anatomia dos órgãos fonarticulatórios, neuroanatomia, fisiologia, fonética, fonologia, foniatria, patologia de linguagem e terapia de linguagem, havia as disciplinas mais abrangentes da área da saúde”, lembra Isis Meira.

Alguns anos mais tarde, a Fonoaudiologia tinha sua regulamentação oficializada e, com os avanços das técnicas e das discussões da categoria, fez-se necessária a atualização do currículo, em 2002. “O Ministério da Educação solicitou que todas as universidades com cursos de Fonoaudiologia produzissem propostas de atualização, que depois seriam analisadas pelo órgão federal”, conta.

Hoje, existem no Brasil 98 cursos de graduação em Fonoaudiologia em universidades e faculdades públicas e particulares. Essas instituições de ensino superior formaram 35.504 fonoaudiólogos desde a regulamentação da profissão. Desse total, 5.599 têm títulos de especialização reconhecidos pelo CFFa.

30 anos de regulamentação da o que ainda precisamos fazer?

Sinferj, Sindfono/CE e Sinfemg

Em 9 de dezembro de 2011 comemoramos 30 anos de regulamentação da profissão de fonoaudiólogo.

Ao longo desse tempo avançamos muito como ciência, ampliamos nossos saberes e nossos mercados de trabalho, conquistando mais espaços tanto nas esferas privadas quanto nas públicas, e mais esferas de representação.

Temos algumas entidades nacionais representativas de diferentes demandas do profissional fonoaudiólogo, tais como o Conselho Federal de Fonoaudiologia, a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, a Academia Brasileira de Audiologia, a Associação Brasileira de Gagueira, entre outras.

E os sindicatos têm conseguido firmar importantes parcerias com algumas dessas entidades.

O QUE ENTÃO ESTÁ FALTANDO PARA NÓS?

Falta-nos o fortalecimento como categoria profissional, mediante maior participação dos Fonoaudiólogos na estruturação e manutenção dos sindicatos de nossa categoria e, num futuro que esperamos breve, na criação de uma Federação Nacional de Fonoaudiólogos.

Para que precisamos de maior participação dos fonoaudiólogos na estruturação e manutenção dos sindicatos de nossa categoria? Porque cabe aos sindicatos, segundo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) a prerrogativa de, conforme o art. 513, alíneas a, b e c, “representar, perante as autoridades administrativas e judiciárias, os interesses gerais da respectiva categoria ou profissão liberal ou interesses individuais dos associados, relativos à atividade ou profissão exercida”; “celebrar contratos coletivos de trabalho” e “colaborar com o Estado, como órgãos técnicos e consultivos, no estudo e na solução dos problemas que se relacionam com a respectiva categoria ou profissão liberal”.

Se as competências citadas acima são inalienáveis, quem as fará por nós senão os sindicatos de fonoaudiólogos, em âmbito local, e uma federação, em âmbito nacional?

QUANDO

- não assinam nossas carteiras de trabalho;
- apesar de assinarem, a função descrita na carteira de trabalho não é a de fonoaudiólogo;
- o piso salarial não existe;
- o piso salarial existe, mediante firmamento de acordos coletivos ou por dissídio coletivo, mas seu valor está

muito aquém do investimento que um profissional de saúde de nível superior, como o fonoaudiólogo, faz em sua carreira;

- não há PCCS – Plano de Carreira, Cargos e Salários;
- a carga horária de trabalho prevista em legislação municipal, estadual ou federal não é cumprida;
- a contribuição sindical é repassada pelos empregadores públicos e privados a entidades sindicais que não têm qualquer relação com a fonoaudiologia; e tantos outros exemplos que podem surgir de problemas concretos vividos na pele por nós, fonoaudiólogos.

Ao sindicato cabe, portanto, defender os interesses e direitos individuais e coletivos de uma categoria profissional e assumir, cada vez mais, um papel essencial na nossa sociedade, em face das graves crises a que assistimos tantas vezes passivamente.

Nossas organizações sindicais surgiram a partir da década de 1970; algumas delas como evolução de associações profissionais. Manter um sindicato não é das tarefas mais fáceis, principalmente porque, como a filiação é espontânea, muitos membros da categoria não se interessam por se filiar.

Em 2011, contamos, de acordo com informações em sites de busca

profissão de fonoaudiólogo:

e no portal do Ministério de Trabalho, com sete Sindicatos de Fonoaudiólogos, listados a seguir:

- SINFONO – Sindicato dos fonoaudiólogos do estado do Ceará – www.sinfono-ce.com.br
- SINFONO/GO – Sindicato dos fonoaudiólogos do estado de Goiás
- SINFEMG – Sindicato dos fonoaudiólogos de Minas Gerais – www.sinfemg.org.br
- SINFERJ – Sindicato dos fonoaudiólogos do Estado do Rio de Janeiro – www.sinferj.com.br
- SINFOPAR – Sindicato dos fonoaudiólogos do estado do Paraná – www.sinfopar.com.br
- SINFESC – Sindicato dos fonoaudiólogos do estado de Santa Catarina – www.sinfesc.com.br
- SINFONO-PA – Sindicato dos fonoaudiólogos do estado do Pará – www.sindfonopara.com.br

O QUE FALTA PARA CONSTITUIRMOS UMA FEDERAÇÃO?

Uma federação sindical é, de acordo com o art. 533 da CLT, uma associação sindical de grau superior, podendo, segundo o art. 534 da CLT, os sindicatos organizarem-se em federação, quando em número não inferior a 5 (cinco), desde que representem a

maioria absoluta de um grupo de atividades ou profissões idênticas.

O QUE PERDEMOS POR NÃO TERMOS UMA FEDERAÇÃO?

Cerca de 30% dos profissionais fonoaudiólogos têm vínculo, seja ele precário ou não, com o Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo informações do *site* do Ministério da Saúde, a Mesa Nacional de Negociação Permanente, constituída em 1993, “vem atender a uma reivindicação histórica dos trabalhadores, uma vez que possibilita a construção conjunta de um plano de trabalho e de uma agenda de prioridades das questões a serem debatidas e pactuadas entre gestores públicos, prestadores privados e trabalhadores da saúde”. No entanto, por não termos federação sindical constituída, não podemos integrar a composição da Mesa.

Ao todo o Brasil tem 14 (quatorze) profissões reconhecidas como sendo da área da Saúde, e a Fonoaudiologia é uma das poucas que não têm uma federação constituída.

E QUANTOS FONOAUDIÓLOGOS HÁ NO BRASIL?

No Brasil, temos mais de 35 mil fonoaudiólogos, segundo dados do CFFa, atualizados em 10 de julho do

corrente, e disponíveis no *sítio* www.fonoaudiologia.org.br. Se somarmos o total de fonoaudiólogos existentes em cada um dos estados onde há Sindicatos, teremos um total de 14.225 fonoaudiólogos. Isto significa dizer que ainda que haja somente sete sindicatos em todo o país, atualmente, eles estão situados em Estados que representam quase 50% de toda a categoria profissional de fonoaudiólogos.

Mas quantos fonoaudiólogos são sindicalizados em cada um desses estados? Atualmente não temos essa informação precisa, mas sabemos que o índice não passa de 10% da categoria.

Entendemos que uma profissão só atinge maturidade quando fortalece suas organizações. Na categoria de Fonoaudiólogo não pode existir dúvidas quanto ao fato de que um conjunto de trabalhadores tem mais força para agir do que cada um por si.

Sindicalizar-se é, portanto, um investimento numa organização dos trabalhadores fonoaudiólogos e a serviço dos trabalhadores fonoaudiólogos, eixo central de toda nossa atividade.

Finalizamos convidando você, colega, a conhecer, participar efetivamente, ou mesmo implantar o sindicato de seu estado. Nestes 30 anos de regulamentação da profissão de fonoaudiólogo, junte-se a nós, porque você faz parte dessa história que não se encerra aqui.

O que os 30 anos de regulamentação da Fonoaudiologia significam para mim?

Rose Maria,
Assessora de imprensa

O Conselho de Fiscalização Profissional é o órgão máximo de representação de uma profissão. Quando essa profissão completa 10, 20, 30 anos de trajetória, este Conselho entra em festa. Natural que seja assim. Mas, para esta edição comemorativa, o CREFONO1 não quer só falar sobre o que significa 9 de dezembro de 2011 para a Fonoaudiologia do Rio de Janeiro. Ou de sua própria caminhada, berço que é deste processo histórico de regulamentação: resolveu dar voz a profissionais e acadêmicos, para que a classe expresse o que esses 30 anos significam. Nada melhor do que dar voz a quem, na realidade, faz a Fonoaudiologia acontecer, porque ouvir quem representamos é primordial para falar uma só língua. Através do Twitter, Facebook, informativo eletrônico e *e-mail*, a classe do Rio de Janeiro foi convidada a responder, em apenas três dias, à pergunta “O que os 30 anos de regulamentação da Fonoaudiologia significam para mim?”. As respostas estão a seguir, minimamente editadas. É o presente que o Rio de Janeiro traz para todo o país com muito orgulho – palavra, aliás, usada por muitos em seus depoimentos. Parabéns a todos!

30 anos... quase o que tenho de vida! Significam muito esforço, dedicação, respeito ao ser humano. Frutos colhidos com trabalho e perseverança, mas tão especiais que justificam a caminhada, que não comecei, mas da qual faço parte hoje, com muito orgulho. Vida longa à Fonoaudiologia!

Ana Paula Viana - CRFa 9417-RJ

Esses 30 anos me trouxeram muitas alegrias e muitos sucessos. A minha Fonoaudiologia é de antes dos 30 (1976). E digo, até hoje, quantas conquistas! Em nenhum momento lamento tê-la escolhido. Estamos todos de parabéns por todos os obstáculos encontrados pelos caminhos trilhados com muita garra, perseverança e muito amor. Vamos comemorar!

Marilene Martins Ferreira - CRFa 0816-RJ

A Fonoaudiologia foi o casamento que deu certo na minha vida! Aprendi e ainda aprendo muito com esta profissão. Considero-me privilegiada por trabalhar com algo tão sublime no ser humano: a comunicação! Parabéns a todos nós, fonoaudiólogos!

Maria Aparecida Xavier - CRFa 11.135-RJ

O impedimento de atuação de outros profissionais sem a qualificação específica em nossa área.

Vera Lucia dos Santos - CRFa 3886-RJ

Significa o meu amadurecimento, pois cresci junto com a profissão. Tenho 23 anos de formada e, mais o tempo da faculdade, todos esses anos dedicados a Fonoaudiologia.

Fernanda Tavares Basbaum - CRFa 4938-RJ

A Fonoaudiologia na minha vida é tudo. Exerço a profissão desde 1976. Batalhamos juntas pela regulamentação. Conquistei minha vida profissional e pessoal com a Fonoaudiologia. Por isso me orgulho da profissão.

Marcia Neves Tiradentes - CRFa 486-RJ

Construímos amigos; enfrentamos derrotas; vencemos obstáculos. Bate-mos na porta da vida e dissemos: não temos medo de vivê-la.

Claudia Maria Esteves - CRFa 6014-RJ

O que os 30 anos de regulamentação da Fonoaudiologia significam para mim? Significam a possibilidade de aperfeiçoar minha interação com o mundo, potencializando minha metalinguagem e evidenciando um mundo de possibilidades a oferecer para o próximo. E que esse próximo seja você, seja o outro, seja alguém, mas que seja... seja capacitante, aperfeiçoador, funcional e belo, porque assim é a Fonoaudiologia!

Rachel Brum - CRFa 12988-RJ

Quero parabenizar a todos os fonoaudiólogos pela conquista e pelo empenho de 30 anos de luta e garra! Eu, particularmente, tenho mais orgulho ainda e duplo motivo para comemorar: a Fonoaudiologia foi reconhecida em 9 de dezembro de 1981; eu me formei em 19 de dezembro de 1981. Faço, junto com a Fonoaudiologia, 30 anos. Foram 30 anos de luta, batalha pelo reconhecimento do trabalho, por mostrar a beleza de nossa profissão. Estou muito feliz! Duplamente feliz! Tenho orgulho em ser fonoaudióloga!

Norma Suely dos Santos - CRFa 2312-RJ

A Fonoaudiologia significou para mim, nesses 25 anos de atuação, aprendizagem para a vida aliada à realização profissional! A minha profissão se confunde com a vida da ARPEF - Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudiológica: trabalho, realização, luta, alegria e atuação em defesa da comunicação e acessibilidade para o surdo!

Helena Dale - CRFa 4078-RJ

Respeito e crescimento profissional.

Cleuza Santiago Maranhão - CRFa 1991-RJ

É com muita felicidade que comemoro os 30 anos da nossa profissão. A fonoaudiologia é para aqueles que amam. Sou muito feliz por, um dia, ter te escolhido como minha parceira diária.

Mônica Vetsch - CRFa 9818-PR/T-RJ

Não estamos aqui para sermos mais um: estamos aqui para SER! Eu sou fonoaudióloga há 27 anos, e vou continuar sendo! Abraços a todos os fonoaudiólogos!

Elizabeth de Azevedo - CRFa 3570 - RJ

Que as palavras têm peso; a voz, a sua marca; e os sons, audíveis. Afinal, Fonoaudiologia é sinônimo de comunicação.

Simone da Costa Silva - CRFa 13846-RJ

A valorização, o crescimento, o desenvolvimento e o reconhecimento desta linda profissão!

Inês Rebello, estudante, 5º período, UVA

Muita luta, prazer em conquistar o desconhecido, fazer parte da inclusão dos não inclusos, ressuscitar a esperança e o sorriso dos que não mais possuem, ir além do conhecimento científico. Significa vida e transformação.

Sandra Negreiros - CRFa 27-MG/T-RJ

A Fonoaudiologia vem crescendo e consolidando sua marca. Apreciamos sua destacável importância em cada área de atuação. Tenho o prazer de contemplar sua significativa contribuição no processo ensino-aprendizagem, em destaque na vida daquelas crianças que apresentam transtornos de aprendizagem. A eficácia do processo interventivo terapêutico e/ou como mediador na vivência educacional é imprescindível para a efetiva aprendizagem do escolar e superação dos entraves que possam surgir.

Clecia Souza - CRFa 12266-RJ

É a certeza de ter alcançado a valorização profissional, refletida no respeito e na confiança de cada paciente, sendo esta a constatação de ter feito a escolha correta.

Silvana da Gama Pastana - CRFa 9674-RJ

O que significa para mim? Tudo. Pois amo ser fonoaudióloga e não sei se conseguiria ter outra profissão.

Márcia Balaciano - CRFa 4396-RJ





“Iniciei meus estudos num curso livre e terminei com a profissão do fonoaudiólogo regulamentada. O que significa conquista, independência, respeito e muita responsabilidade.”

Ziléa Lopes - CRFa 1632-RJ

“Ao me formar, 30 anos atrás, quando ela foi reconhecida, já havia começado a trabalhar, ainda estudante, em atendimento às crianças com problemas de aprendizagem nas Unidades de Terapia do Município do Rio. (...) Sempre trabalhei com dificuldade de LINGUAGEM e não de FALA. Isso foi um sinal e, quando desejei me aperfeiçoar mais, aproveitando o momento de aposentadoria do serviço, ainda bem ativa, aos 48 anos, procurei uma formação em Psicanálise. Este caminho, aberto pela Fonoaudiologia, me deu enorme realização. Até hoje permaneço em atividade. Nem sempre conseguimos identificar na vida a estrada que nos gratificará. Agradeço à Fonoaudiologia!”

Eliana Pacca Corrêa - CRFa 1939-RJ

“Significam uma renovação, um renascimento... Parabéns!”

Ana Paula Esteves - CRFa 13865-RJ

“Escolhi a Fonoaudiologia porque gosto do humano na sua fragilidade e na sua grandeza; porque acredito na responsabilidade individual que tenho com um mundo melhor; porque acredito que no encontro com o outro podemos transformar e ser transformados; porque acredito que com pequenos gestos podemos fazer a diferença.”

Adriana Dile Bloise - CRFa 4979-RJ

“Reconhecimento da nossa profissão, pesquisas, estudos, trabalho e, principalmente, a recuperação e/ou adequação do nosso paciente, visando uma boa qualidade de vida.”

Márcia Nader - CRFa 8636-RJ

“Significa poder dizer com orgulho: sou Fonoaudióloga! E, nesse momento histórico, perceber no olhar do outro, não mais a estranheza ou desconhecimento, mas a admiração e o respeito por uma profissão que conseguiu, nesses trinta anos, mostrar sua importância e valor!”

Gabriela Valgueiro - CRFa 8096-RJ

“O grande desafio de ser um fonoaudiólogo é se impor diante dos pacientes e dos outros profissionais.”

Wanderley Nascimento - CRFa 9825-RJ

“Significam, como graduanda do curso de Fonoaudiologia, a estruturação, idealização de um sonho de muitos profissionais e de futuros profissionais. Profissionais estes que procuram a excelência, ampliam os horizontes de sua inteligência, ficam atentos às “pequenas” mudanças, têm coragem para corrigir rotas, têm capacidade de prevenir erros, têm ousadia para fazer das suas falhas e dos seus desafios, vividos diariamente com cada paciente, um canteiro de oportunidades para evoluir e, assim, desenvolver ainda mais esta profissão, que previne, trata e reabilita a capacidade do homem de manter-se também em evolução, através da comunicação.”

Dayane Calixto Cavalcante - Graduada em Fonoaudiologia, UFRJ

“Fonoaudiologia é minha profissão e minha paixão. Ela me completa profissionalmente. Ser fonoaudióloga me faz ainda mais feliz!”

Debora Souza Coelho Costa - CRFa 9002-RJ

“Não consigo me imaginar em outra profissão. A minha vibração pela Fonoaudiologia é tão grande que contagei uma das minhas filhas e acho que já estou contagiando uma de minhas netas.”

Denise Guapyassú - CRFa 261-RJ



Por que Fonoaudiologia?

O que fez a primeira e uma das últimas fonoaudiólogas que se registraram no Conselho de Fonoaudiologia do Rio de Janeiro optar pela ciência? Com a palavra, Dra. Abigail Muniz Caraciki (CRFa 0001-RJ), fonoaudióloga em atividade há mais de 30 anos, e Dra. Amanda Macedo de F. S. Ramos (CRFa 13.932-RJ), que acaba de se registrar no CREFONO1.



“Tenho 25 anos, estudei na UFRJ e minha colação de grau foi em agosto de 2011. Estou em período de experiência numa clínica de saúde do trabalho, onde realizo exames audiométricos. Meu sobrinho teve “paralisia cerebral” e isso me levou a fazer Fonoaudiologia. Meu projeto para o futuro é me especializar em Voz, pois foi com o que mais me identifiquei durante a graduação, até porque sou cantora gospel. A Fonoaudiologia é uma grande conquista. Tratar pessoas e ver a mudança que acontece na vida delas me completa. Numa sociedade onde pessoas que têm dificuldades de comunicação são, de certa forma, excluídas, observar a alegria da melhora me traz grande satisfação.”

Amanda Macedo de Freitas Souza Ramos – CRFa 13.932-RJ

“Entrei na escola com 5 anos, porque naquela época não havia limite de idade para ingressar. Havia um menino de 13 anos muito gago, que sofria muito. Então, nos protegíamos mutuamente. Eu pensava que devia haver um jeito de resolver esse tipo de situação, para que as pessoas não sofressem tanto. Em 1953, fiz o curso para turmas especiais pelo Instituto de Educação. Na grade, tinha Ortofonía. A partir daí, fui me especializando e não parei mais. Hoje, sou fonoaudióloga. Tudo o que faço é para enriquecer a Fonoaudiologia. Sinto muito orgulho da minha profissão. Quem planta uma semente e a vê germinar e crescer tem que se sentir orgulhoso. Talvez a gente precise podar ou enriquecer aqui e ali, mas é uma bela árvore. Talvez precisemos ter mais cuidado, como tratar de reabilitar o Diagnóstico Referencial da Fonoaudiologia na grade das universidades, mas são só 30 anos de regulamentação. Ainda há muito o que crescer e amadurecer.”



Abigail Muniz Caraciki – CRFa 0001-RJ



Breve relato da história

Dra. Maria Isis Marinho Meira,
CRFa 2.848-SP

Com adaptações da Comissão de Divulgação do Conselho Regional de Fonoaudiologia da 2ª Região

No Brasil, a área da Fonoaudiologia era assumida, em passado não muito distante, por atores, cantores, ex-gagos, enfermeiros, professores primários, que anunciavam em jornais e revistas seu sucesso profissional atendendo pacientes afásicos, disfônicos, disléxicos, dislálidos e todos os “dis” relacionados a problemas de voz, fala e linguagem. Era um campo aberto, livre para esses práticos, que se tornavam famosos e se diziam profissionais especializados. Surgiram publicações interessantes, como o livro: *Calafasia, califonia e a arte de dizer*, que tratava de algumas patologias e do bem falar.

Surgiram também pioneiras, como Emiliana Cabrita, que ministrava no Hospital das Clínicas, em São Paulo, curso livre formando profissionais em três meses, para trabalhar na área dos distúrbios da comunicação. Muitas professoras do interior e de outros estados vinham para São Paulo fazer este curso de três meses e voltavam “especialistas”, aptas para trabalhar como “fonoaudiólogas” na APAE e em outras instituições. Na década de 1960, e mesmo na de 1970, ainda mi-

litavam muitos desses profissionais no interior de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e em outros estados.

A terminologia “fonoaudiólogo” ou “fonoaudiologia” não existia na época. Eram terapeutas da palavra ou logopedistas os profissionais que atuavam nesta área.

O grande passo para o verdadeiro início da profissão de fonoaudiólogo em nível superior foi dado com a

A Fonoaudiologia era um campo aberto, livre para estes práticos (atores, cantores, enfermeiros e professores), que se tornavam famosos e se diziam profissionais especializados.

vinda ao Brasil do Dr. Julio Bernaldo Quirós e de sua assistente Rosa Vispo, e, posteriormente, com a ida de dois médicos brasileiros para a Argentina, que se especializaram em “Foniatria”: Dr. Américo Morgante e Dr. Mauro Spinelli. Na volta ao Brasil, eles trabalharam em suas respectivas Universidades de origem – USP e PUC-SP –, nos cursos de graduação em “Logopedia”, para formar terapeutas que tratassem de indivíduos portadores de proble-

mas de voz, fala, linguagem e audição. Isto aconteceu em 1960 na USP e 1961 na PUC-SP. Esses cursos tinham inicialmente um ano de duração.

O Dr. Enzo Azzi, médico, diretor do Instituto de Psicologia, e a psicóloga, Ana Maria Poppovic, diretora da Clínica de Psicologia da PUC-SP, foram os grandes incentivadores da Fonoaudiologia no Brasil. Foi por sua iniciativa que o curso foi criado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento, que estava ligada ao Instituto de Psicologia e à Clínica Psicológica. No início não havia vestibular. A seleção começou a ser feita em 1964, quando se aplicava aos candidatos uma bateria de testes psicológicos. Em 1965, começou o Concurso Vestibular que ainda não era unificado e tinha caráter doméstico. Depois do curso da USP e do curso da PUC em São Paulo, foi criado um curso de “Fonoaudiologia” na Universidade Federal de Santa Maria (RS), sob a direção do Dr. Rafael Seligman.

Em 1967, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ) deu início a seu curso. Em 1968, foi a vez de a Escola Paulista de Medicina abrir seu curso, sob a direção do Dr. Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, e em 1971 a PUC de Campinas também abriu seu curso sob a direção do Dr. Mauro Spinelli. Em 1972, foi o Instituto Henry Dunant do

da Fonoaudiologia

Rio de Janeiro que deu início ao seu curso de Fonoaudiologia. Estes foram os primeiros cursos.

À medida que cresceu o número de profissionais, formaram-se os órgãos de classe. No Brasil, o primeiro órgão de classe foi a Associação Brasileira de Fonoaudiologia (ABF), com sede em São Paulo, fundada em 1962. Sua primeira presidente foi a fonoaudióloga Maria Cerqueira. A ABF, posteriormente, foi desmembrada em seções regionais e sua sigla passou a ser ABFa.

O caminho da Fonoaudiologia no Brasil seguiu, principalmente, o modelo americano. Na PUC, o curso começou modesto, com um ano de duração. Em 1964, passou a ter dois anos de duração; em 1967, três anos e em 1971, quatro anos de duração. Em 1972, o curso de Fonoaudiologia da PUC-SP passou a pertencer ao Centro de Educação. O vestibular, que antes era separado dos outros cursos, passou a ser unificado. Começamos então a adquirir o *status* de curso superior.

Os anos 1975 e 1976 foram os em que se lutou pela aprovação do plano de curso de Fonoaudiologia e pela aprovação do currículo mínimo para os cursos de fonoaudiologia, respectivamente. Na PUC, contamos com a grande ajuda do Dr. José Nagamine, que tomou a frente e elaborou conosco o nosso plano de curso da PUC-SP.

O primeiro curso aprovado foi o de Santa Maria, Rio Grande do Sul; depois foi aprovado o curso de Fonoaudiologia da PUC de Campinas e, logo em seguida, o da PUC-SP (4 de novembro de 1975, Parecer nº 4478/75 do Conselheiro José Milano). Em seguida, foi aprovado o curso de Fonoaudiologia da Escola Paulista de Medicina.

O primeiro currículo mínimo do curso de Fonoaudiologia foi aprovado em 8 de julho de 1976.

Paralelamente tentava-se a regulamentação da profissão de fonoaudiólogo. A primeira tentativa de organizar e legalizar esta profissão nascente aconteceu em 1971, com a apresentação de um projeto de lei pelo senador André Franco Montoro. Era uma luta difícil. A profissão era ainda desconhecida. Os membros do Senado e do Congresso, percebendo a Fonoaudiologia de forma tão velada, não se interessavam em transformá-la em profissão legalizada.

Nessa época, o trabalho maior era mostrar aos deputados e senadores o que era Fonoaudiologia (termo e área completamente desconhecida na época). Esse primeiro projeto de lei foi devolvido para que os fonoaudiólogos chegassem a um acordo com relação ao termo usado para designar a área e a profissão: logopedia e logopedistas, terapia

da palavra e terapeutas da palavra (preferência do Rio de Janeiro) ou fonoaudiologia e fonoaudiólogo (preferência de São Paulo).

Coube aos fonoaudiólogos, durante muito tempo, a tarefa de lutar sozinhos por seu reconhecimento na sociedade, por seu lugar no grupo de profissionais liberais de nível superior. Essa luta foi assumida por cada um em seu cotidiano, em sua tentativa de

O caminho da Fonoaudiologia no Brasil seguiu, principalmente, o modelo americano. Começamos então a adquirir o status de curso superior.

crescer profissionalmente e mostrar para a sociedade um trabalho de qualidade, útil para a população.

A profissão começou então a se tornar conhecida e respeitada. Os fonoaudiólogos passaram a ser vistos como membros da equipe integrada por outros profissionais: psicólogos, médicos, dentistas, pedagogos, fisioterapeutas, cuja legalidade da profissão já tinha sido conquistada.

Faltava ainda o reconhecimento pelos órgãos do governo. Faltava a



aprovação do nosso projeto de lei, tentada novamente pelo deputado Otacílio de Almeida, que apresentou em 1975 o Projeto de Lei nº 1001.

Nessa época, a Profa. Dra. Isis Meira andava pela Câmara dos Deputados e pelo Senado conversando com cada integrante de cada comissão, explicando o que era a Fonoaudiologia, qual era o campo de trabalho e qual era o perfil do fonoaudiólogo.

O deputado Pedro de Faria apresentou outro projeto de lei regulamentando a profissão de fonoaudiólogo em 1979, também sem êxito. Outro projeto apresentado foi o do deputado Genival Tourinho, do Rio de Janeiro.

Comentando nossa luta com o senador André Franco Montoro, ouvimos dele: “escrevam um projeto e me mandem que eu apresentarei no Senado”. Reunimos os projetos de lei já aprovados, regulamentando a profissão de dentista, de psicólogo, e os antigos projetos não aprovados para regulamentar a profissão de fonoaudiólogos e elaboramos um projeto de lei que atenderia às nossas reivindicações.

O senador Franco Montoro levou esse projeto para os seus assessores no Senado, colocou-o na forma da lei, mudou um pouco a justificativa e apresentou-o como o projeto de lei do Senado, número 169, de 1976. Finalmente, em 1981, o deputado Otacílio de Almeida tentou novamente,

unindo todos os projetos anteriores e a aprovação foi finalmente conseguida em 9 de dezembro de 1981, o que resultou na Lei nº 6.965, homologada pelo Presidente da República. O papel da Associação Brasileira de Fonoaudiologia nessa luta foi decisivo. As diretorias que assumiram as gestões de 1979 e 1981 empenharam-se grandemente.

Na década de 1980 o número de cursos de Fonoaudiologia cresceu e espalhou-se por todo o Brasil. A Fonoaudiologia tornou-se conhecida em nosso território.

Com profissionais bem formados, foi possível o incentivo ao trabalho científico. Os congressos começaram em 1978, com a iniciativa do Dr. Antero Coelho Neto, reitor da Unifor. O I Congresso de Profissionais Afins da Medicina, em Fortaleza, teve a participação da Fonoaudiologia. O nome “Profissionais Afins da Medicina”, bastante ambíguo, não agradou muito aos fonoaudiólogos. Em 1979, tivemos o I Congresso de Profissionais de Ensino da Saúde, em Campinas. (A terminologia “Profissionais de Ensino da Saúde” substituiu o nome “Profissionais Afins da Medicina”, que integra fonoaudiólogos, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais). Em 1983,

finalmente começamos a fazer os congressos específicos de nossa área. Tivemos o I Congresso Internacional dos Profissionais em Fonoaudiologia, no Rio de Janeiro.

Os trabalhos científicos foram surgindo e multiplicando-se. Começou a se tornar possível a indicação de uma bibliografia em português, já que antes só tínhamos livros em espanhol, inglês e francês.

O primeiro livro foi o do fonoaudiólogo Antônio Amorim. Em seguida, fonoaudiólogas como Regina Jakubovicz, Solange Issler, Regina Freire, Leslie Piccolotto e Isis Meira, mais os médicos, Mauro Spinelli e Alfredo Tabith, publicaram os primeiros livros da área no Brasil.

Surgiram também os periódicos: a revista *Atualização em Fonoaudiologia*, criada por iniciativa do Dr. Ozorimbo Alves da Costa Filho, a revista *Distúrbios da Comunicação* (da PUC-SP), a revista *Lugar em Fonoaudiologia*, da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro.

Na década de 1980 o número de cursos de Fonoaudiologia cresceu e espalhou-se por todo o Brasil. A Fonoaudiologia tornou-se conhecida em nosso território, e a famosa pergunta – “Fono o quê?” – tornou-se mais rara. Os cursos de pós-graduação foram posteriormente criados, dando origem aos trabalhos científicos e ao avanço permanente e sem volta da Fonoaudiologia.

Fórum: Atuação Fonoaudiológica em Saúde do Trabalhador

Cibele Siqueira, CRFa 6.198-SP

Mariene Hidaka, CFRa 5.323-SP

Kátia Botasso, CRFa 6.386-SP

Com o objetivo de delinear e fortalecer a inserção do fonoaudiólogo em Saúde do Trabalhador, estabelecer consenso quanto aos aspectos primordiais da atuação fonoaudiológica nesta área e conscientizar a categoria quanto às questões éticas e legais envolvidas nesta prática, o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 2ª Região promoveu um Fórum no dia 27 de agosto de 2011 para discutir a temática. O evento foi realizado nas dependências do Centro Universitário São Camilo e reuniu profissionais de serviços públicos e privados.

A Profa. Dra. Leslie Piccolotto Ferreira (PUC-SP) proferiu uma palestra sobre os "Distúrbios da voz relacionados ao trabalho" e apresentou um

relato histórico das discussões realizadas até o momento e respectivos desdobramentos, visando à inclusão do distúrbio da voz no rol das doenças relacionadas ao trabalho, do Ministério da Previdência.

A Profa. Dra. Ana Claudia Fiorini (PUC-SP e Unifesp), na palestra intitulada "O papel do profissional da saúde nas notificações dos agravos auditivos relacionados ao trabalho", ressaltou a importância de o fonoaudiólogo conhecer as portarias publicadas pelos Ministérios do Trabalho e da Saúde, relacionadas a sua área de atuação; explanou sobre o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), apresentou o rol de doenças, agravos e eventos de saúde pública que devem ser obrigatoriamente notificados, dentre os quais encontra-se a PAIR.

O evento foi uma oportunidade para discussão entre os participantes, e quatro grupos temáticos foram constituídos com a proposta de reflexão a partir dos seguintes eixos norteadores: a) Contribuições da Fonoaudiologia na Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (Renast); b) Posicionamento do fonoaudiólogo nas equipes interdisciplinares; c) Notificação de agravos à saúde pelo fonoaudiólogo.

Durante a plenária final, os coordenadores apresentaram o produto das discussões dos grupos e, após as considerações dos participantes, foram elencadas 12 diretrizes para a inserção, o fortalecimento e a atuação qualificada do fonoaudiólogo na área de Saúde do Trabalhador, registradas no relatório final do evento disponível em www.fonosp.org.br.



AUDIÔMETRO MIRACLE

Tecnologia e Inovação no seu Consultório



* Computador não acompanha o produto.

AGENDE SUA DEMONSTRAÇÃO ONLINE...
E TENHA MAIS INFORMAÇÕES!

Certificações






Exames

- Processamento Auditivo Monóticos; Dicóticos;
- Temporais; Binaurais.
- Campo Livre.
- Audiometria via Ósea.
- Audiometria via Aérea
- Logaudiometria : LRF; IRF; LDF.
- Testes supraliminares: ABLB; Stenger e SISI.

3J Tecnologia Eletrônica Ltda.
Tel/Fax: (35) 3471-3053
www.3jtecnologia.com.br
comercial@3jtecnologia.com.br





De “terapeutas da fala” p

Eduardo Mariot,
Repórter

A transformação pela qual a profissão passou em apenas três décadas vai além dos limites das palavras que a definem. De uma atividade pioneira, limitada ao auxílio clínico a pacientes em recuperação, para uma ciência abrangente na compreensão de dois importantes sentidos humanos: a fala e a audição.

Quando a Dra. Maria Nazareth Bacili Batistuzo se formou, em 1973, na primeira turma do curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-

Campinas), a profissão sequer era regulamentada. Já a fonoaudióloga Karlin F. Klagenberg D’Andrea, formada em 2003 pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), concluiu a graduação, fez um mestrado e tornou-se doutora na área.

Desde a busca pelo reconhecimento profissional até sua condução à categoria de ciência, pode-se dizer que a profissão atingiu a maturidade. Uma trajetória que completa agora 30 anos de história.

Em 1974, Dra. Maria Nazareth decidiu morar em Curitiba e ser uma das pioneiras no exercício da atividade com o título de fonoaudióloga. Karlin

– que trabalha na Clínica de Fonoaudiologia da UTP e em uma empresa que produz aparelhos auditivos – trilha os caminhos da docência.

Hoje, as duas, assim como cerca de 3 mil profissionais inscritos no Conselho Regional de Fonoaudiologia da 3ª Região (CREFONO 3) – que compreende os estados do Paraná e Santa Catarina –, contam com 11 cursos superiores na área, um dos oito programas de pós-graduação *stricto sensu* (doutorado) em Fonoaudiologia reconhecidos pela Capes em todo o país, além de dezenas de especializações.

Segundo a presidente do CREFONO-3, Dra. Ângela Ribas, após a regulamentação, em 1981, a profissão foi oficializada e sua prática especializada, permitindo uma pesquisa científica autônoma e independente. “Hoje, em Curitiba, contamos com cursos de mestrado e doutorado. Conquistamos a condição de especialistas em várias áreas, como audição, voz, linguagem, motricidade oral, disfagia, saúde coletiva e Fonoaudiologia educacional”, explica.

Na década de 1970, a atuação profissional limitava-se às clínicas de reabilitação. Inicialmente, eram os próprios fonoaudiólogos que divulgavam as bases desse trabalho aos colegas da área de saúde. “Sabia-se apenas que havia algumas pessoas que lidavam com deficiências da fala, e outras, as auditivas”, lembra Maria Nazareth.

Acervo pessoal



Maria Nazareth Batistuzo: uma das pioneiras da Fonoaudiologia em Curitiba (PR).

Para fonoaudiólogos

A luta era travada no próprio ambiente profissional, e o objetivo era o reconhecimento e a divulgação da profissão. “Queríamos mostrar a importância da Fonoaudiologia para a sociedade e a saúde da população”, explica.

LUTA PELO RECONHECIMENTO

– A primeira iniciativa de organizar a categoria foi por meio da Associação de Fonoaudiólogos do Paraná e Santa Catarina (Afopresc), em 1977. Em dois anos de atividade, os associados se reuniram no Hospital de Clínicas de São Paulo, com representantes dos demais estados brasileiros, para organizar uma Comissão Nacional em busca da efetiva regulamentação da profissão de fonoaudiólogo.

Foram mais dois anos acompanhando os trabalhos da Comissão Nacional e os trâmites do Projeto de Lei nº 742-B/79, no Congresso Nacional, que regulamentou a profissão por meio da Lei nº 6.965, de 9 de dezembro de 1981.

Alunos do recém-criado curso superior de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) abraçaram a causa. “Várias vezes fomos às ruas nos arredores da PUC a fim de arrecadarmos assinaturas em favor da regulamentação da nossa profissão”, lembra Maria Regina Franke Serratto, integrante da primeira turma da PUC-PR

e atual coordenadora do curso de Fonoaudiologia da UTP.

A fonoaudióloga Maria Cristina N. Pereira Sáenz, integrante da mesma turma da PUC-PR, lembra que, na época, representantes da Comissão de Regulamentação da Profissão (fonoaudiólogas Ismênia Abu-Jamra, Maria Nazaret B. Batistuzzo, Lorena Benatti e Maria Candida) compareceram em sala de aula. Elas solicitaram que os alunos enviassem aerograma (carta que se

envia por correio aéreo) aos senadores Franco Montoro, Orestes Quéricia e Amaral Furlan, para que apoiassem o projeto de lei.

Os primeiros fonoaudiólogos formados no Paraná exibiram seus diplomas reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC) em 1984. A coordenadora do curso na época, Cleybe H. Vieira, foi escolhida parainfa pelos recém-formados.

“A primeira turma teve a sua marca: a de ser histórica”, lembra Cleybe. “Vocês estão encontrando o campo aberto para a atuação profissional”, ressaltou aos alunos no discurso de formatura. Em seguida, ela refor-



Carta enviada aos profissionais e alunos de Fonoaudiologia, pelas entidades de classe da época, entre elas a Afopresc.

çou o compromisso com a ética e a competência no sentido de divulgar e fortalecer a profissão. “Eles tiveram a chance de crescer junto com a Fonoaudiologia, profissão que abraçaram naquele momento. Desejei que utilizassem a própria voz, e que esta se confundisse com a voz da Fonoaudiologia, para multiplicar os conhecimentos recebidos”, recorda Cleybe.

No ano seguinte, a PUC-PR lançou seu programa de pós-graduação *lato sensu* em Distúrbios da Comunicação.



CONSTANTE CONSTRUÇÃO – A partir da regulamentação, a Afopresc criou um departamento estudantil, com o objetivo de reforçar a divulgação da profissão. O Sindicato dos Fonoaudiólogos do Estado do Paraná (Sinfopar) começou a se estruturar e novos cursos de graduação surgiram.

Em Santa Catarina, a Universidade do Vale do Itajaí (Univali) teve seu curso aprovado em 1990 - além de pioneiro, manteve-se, por dez anos, o único no estado. A primeira turma concluiu o curso em 1994, com diploma reconhecido pelo MEC.

Dra. Evanice Maria do Carmo, eleita consecutivamente 13 anos diretora do curso da Univali, hoje tem seu nome gravado em uma placa na porta do Centro Acadêmico da instituição, reconhecimento dos alunos pelos 31 anos dedicados à profissão.

“Minha geração viveu todas as mudanças. Tivemos que organizar tudo, conquistar autonomia. Era uma profissão nova, que vinha da prática. “Hoje temos bibliografia nacional, na época recorriamos aos estrangeiros. Tudo isso prova que a Fonoaudiologia é uma ciência em constante construção”, afirma.

NOVOS HORIZONTES – A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, é a única instituição federal a oferecer um curso superior em Fonoaudiologia das duas regiões atendidas pelo CREFONO-3.

Instituído pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), em 2009, o curso conta com bolsas de extensão, programas de iniciação científica e de monitoria.

A coordenadora da graduação, Ana Paula Santana, afirma que o curso, que está apenas no 5º período da primeira turma, ocupa lugar de destaque nas políticas públicas e de promoção da saúde do estado. “Atualmente atendemos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), onde implantamos nosso ambulatório de disfagia. Também atuamos no Hospital Militar e trabalhamos com as secretarias de saúde e de educação em âmbito municipal e estadual, desenvolvendo programas em creches e escolas”, conclui.

Um trabalho que começou há três décadas em uma área até então desconhecida, hoje amplia, a cada dia, suas formas de atuação dando voz própria aos profissionais que se dedicam para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Fiscalizar, orientar e promover

Divulgação



Solenidade de Abertura do IV Congresso Sul Brasileiro de Fonoaudiologia, em setembro de 2011.

Eduardo Mariot,
Repórter

Divulgar o papel da Fonoaudiologia na sociedade está no DNA do Conselho Regional de Fonoaudiologia da 3ª Região (CREFONO-3). Essa missão é percebida em diversas ações do Conselho: nos eventos, nas reuniões, nos congressos, nos cursos e nos simpósios que o órgão realiza, bem como nas atividades de orientação e fiscalização. “Nosso objetivo é informar a população sobre seus direitos no que se refere ao atendimento fonoaudiológico; e também orientar os fonoaudi-

ólogos sobre as boas práticas, sempre que necessário”, destaca a presidente do CREFONO-3, Ângela Ribas.

Nesse contexto, foram criadas em 2009 as Delegacias Regionais em Londrina, no Paraná, e em Florianópolis, Santa Catarina. As delegacias reduzem as distâncias entre o CREFONO-3 e os profissionais de cidades distantes da sede central, em Curitiba.

Isso permitiu agilizar os processos e serviços prestados. “Foi uma necessidade. Aproximamos cada vez mais o Conselho dos profissionais, orientando e fiscalizando as ações dos fonoaudiólogos”, explica a delegada regional em Florianópolis, Josiane Borges, responsável pelo atendimento em Santa Catarina.

A atuação das delegacias inclui averiguar denúncias e realizar visitas

de rotina em empresas, instituições e consultórios de Fonoaudiologia. Uma vez por mês, os fiscais das delegacias visitam uma cidade definida pela Comissão de Orientação e Fiscalização (COF) da sub-sede, informa Ana Paula Muller, presidente da COF.

A atuação das delegacias inclui averiguar denúncias e realizar visitas de rotina em empresas, instituições e consultórios de Fonoaudiologia.

Elas ainda promovem encontros temáticos para aproximar os profissionais dos debates atuais em torno da profissão. Recentemente, a delegacia regional de Londrina debateu a

audiologia ocupacional (avaliação da audição de funcionários de empresas), oportunidade para atualizar o conhecimento na área e nortear a atuação dos fonoaudiólogos da região.

Além disso, a cada triênio o Conselho promove o Congresso Sul Brasileiro de Fonoaudiologia, que terá sua 5ª edição, em 2013, sediada na capital paranaense. O encontro é organizado desde o ano 2000 e mobiliza, a cada edição, centenas de profissionais, estudantes e recém-formados.

O evento prioriza a valorização das instituições e dos especialistas da Região Sul do Brasil. São conferências, palestras, mesas-redondas, apresentação de trabalhos, que permitem a atualização profissional, o relacionamento e a reflexão entre os participantes.

Um relato: delegada de Londrina-PR

Cláudia Sordi Ichikawa, CRFa 2.820-PR

A Delegacia de Londrina foi criada em 4 de junho de 2009, com o objetivo de ser uma extensão do CRFa da 3ª Região, buscando atender todos os profissionais do estado do Paraná, de forma a facilitar o acesso aos serviços, antes prestados apenas pela sede do CREFONO3, em Curitiba.

Os serviços supracitados referem-se a recebimento de documentos para expedição dos registros profissionais, instauração de processos ético-disciplinares e/ou administrativos e o devido encaminhamento para a sede do CREFONO3 para julgamento de infrações, além da entrega de documentos profissionais.

Atualmente, são inscritos no estado do Paraná 1.876 profissionais e 616 Pessoas Jurídicas. No município de Londrina são 200 profissionais e 50 Pessoas Jurídicas.

Para que a profissão seja exercida de maneira plena, é necessário que o exercício profissional seja pautado em premissas éticas e legais.

As ações de orientação e fiscalização têm por finalidade regularizar o exercício da Fonoaudiologia.

Ao zelar pelo exercício regular da profissão, considerando as determinações do Código de Ética, de Leis, Resoluções e Portarias, os Conselhos de Fonoaudiologia protegem não apenas o fonoaudiólogo daqueles que exercem inadequadamente e/ou ilegalmente a profissão, mas a profissão; além de proporcionar melhores condições para que a população tenha um atendimento adequado ao consultar um fonoaudiólogo.



Pernambuco: porta de da Fonoaudiolog

Índice elevado de analfabetismo no Nordeste foi o fator central para a compreensão do surgimento da Fonoaudiologia na região.

Maurício Júnior,
Assessor de comunicação

A inserção da Fonoaudiologia no Nordeste deu-se, assim como nos demais estados do Brasil, por influência da educação e da saúde, em meados de 1920. Os profissionais da área médica, além dos alfabetizadores, naquela época, identificaram uma acentuada diferença na forma de educação oferecida aos índios, negros e filhos de colonos em relação aos filhos dos senhores de engenho que estudavam nas melhores escolas. “A falta de acesso aos bens culturais pelas classes desprestigiadas sinalizou os primórdios do analfabetismo no país”, explica a fonoaudióloga Gracita Didier em sua dissertação de mestrado – *Fonoaudiologia: sua história em Pernambuco*, de 2001.

Foi a partir dessa identificação, que as primeiras práticas fonoaudiológicas surgiram no Brasil. Devido à incapacidade na aprendizagem, profissionais da área médica, além de alfabetizadores de Pernambuco, começaram pesquisar e se interessar

pelos estudos ligados aos problemas de linguagem. Nessa etapa, foi possível identificar um dado importante: apenas 15% dos alunos eram portadores de problemas exclusivos, tais como deficiências auditiva, mental e específicas de linguagem. Em contrapartida, o estudo comprovou que a grande maioria dos alunos de classe pobre não conseguia aprender a ler e escrever quando comparada com o sistema de alfabetização da classe mais privilegiada.

A partir dessa identificação, esses profissionais mobilizaram-se no sentido de estudar as variáveis geradoras dessa situação tão adversa. A intenção, naquela oportunidade, era criar técnicas para tratar as pessoas que apresentassem problemas de aprendizagem, tanto por aspectos ligados às patologias, como os relacionados ao sistema de alfabetização. Os estudos foram se ampliando e os alfabetizadores, baseados em uma literatura especializada e contando com informações e orientações dadas pela classe médica, criaram um marco teórico capaz de iniciar um trabalho

prático com os alunos que apresentavam dificuldades de linguagem e de alfabetização.

Aos alfabetizadores mais embasados eram encaminhados para tratamento os alunos com maiores problemas de alfabetização. Porém, percebeu-se a necessidade de esses educadores mais esclarecidos adquirirem uma formação teórica suficiente a ponto de distinguir quando o problema era da escola ou dificuldade específica do próprio aluno. Após a conclusão da formação teórica, esses profissionais receberam a denominação de terapeutas, realfabetizadores, reeducadores de linguagem ou logopedistas.

SAÚDE ESCOLAR – Após a criação do Ministério da Saúde, depois da Revolução de 1930, a medicina ampliou o debate sobre educação, alfabetização e saúde. Essa fase contribuiu para fundamentar ainda mais o surgimento da Fonoaudiologia. Em 1925, por exemplo, o médico Ulisses Pernambucano, especialista em Medicina Social, criou o Instituto de Psi-



entrada ia no Norte/Nordeste

ciologia, primeiro órgão do gênero no Brasil que já estudava psicologia do desenvolvimento e da linguagem. O grupo contava com a participação de médicos, professores e pesquisadores sociais e intelectuais.

A partir das afirmações desse respeitado grupo, outros estudos foram surgindo embasando ainda mais o trabalho fonoaudiológico. *Vocabulário das Crianças das Escolas Primárias* (1930), *Características do Desenho Infantil* (1932) e *Percepção das cores e formas entre crianças de 3 a 11 anos* (1937) são exemplos de algumas das várias pesquisas da época.

A relação da classe médica com os reeducadores de linguagem trouxe inúmeros benefícios. Essa afinidade chegou também ao serviço público. Nesse período foi possível confrontar os tipos de trabalhos entre a população de baixa renda, que realizava tratamento na rede pública, com a de melhor poder aquisitivo. “O ganho teórico desse profissional era muito grande. Eu mesmo realizava trabalho em Brasília Teimosa, uma das comunidades mais pobres do Recife, e também atendia uma parcela muito grande de filhos de empresários, pessoas

da alta sociedade que apresentavam algum tipo de problema de linguagem”, explicou Gracita Didier.

Apesar de já estarem bem avançadas, as primeiras práticas de re-

Universidade Católica de Pernambuco foi a primeira instituição do Norte/Nordeste a criar o curso superior em Fonoaudiologia.

educação de linguagem tinham caráter pedagógico, tanto nas avaliações quanto nos programas terapêuticos. Só com o passar do tempo esse trabalho começou a estabelecer maior relação com a linguística – fonética, emissão de fonemas e articulação de palavras.

Com o surgimento do curso técnico de Fonoaudiologia, aprovado pelo Conselho Federal de Saúde, algumas instituições de ensino de Pernambuco criaram centros de tratamentos. Foi assim na Habilitação em Educação de Excepcionais da Audição do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (Facho), em 1976, e na instalação do Setor de

Fonoaudiologia na Clínica de Psicologia Manoel de Freitas Limeira, na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Essa mesma equipe de profissionais idealizou o serviço de Educação de Excepcionais – Área de Audição e Linguagem, da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Até o surgimento do primeiro curso superior do Norte/Nordeste em Fonoaudiologia, criado pela Unicap, em 1981, 31 logopedistas já atendiam pacientes que apresentavam algum tipo de distúrbio de linguagem em Pernambuco. “Desde a primeira turma, houve uma grande inserção da profissão, especialmente na área de clínica. Logicamente, as capitais foram os primeiros locais a oferecer o serviço de Fonoaudiologia, enquanto as cidades do interior dos estados do Nordeste deixavam a desejar em termos de serviço. A partir do novo século, a Saúde Pública abarcou a Fonoaudiologia, que deixou de ser uma profissão considerada elitizada, uma vez que era preponderante sua abrangência nas clínicas privadas”, explicou a fonoaudióloga Profa. Dra. Nadia Azevedo, que está na Unicap há trinta anos.



CREFONO 4

AL | BA | PB | PE | SE

Perspectiva é de crescimento da

Inserção do fonoaudiólogo na saúde pública e aumento do campo de trabalho são alguns fatores responsáveis pelo crescimento.

Maurício Júnior, Assessor de comunicação

A previsão dos fonoaudiólogos mais experientes em relação ao futuro é promissora para a Fonoaudiologia no Nordeste. Alguns fatores contribuem para esse otimismo: a inserção do fonoaudiólogo na saúde pública e o aumento do campo de trabalho, devido à plena expansão que vivem os nove estados que compõem esta região.

Apesar de ser uma profissão nova – está regulamentada há apenas 30 anos –, a Fonoaudiologia é ampla e geradora de conhecimento científico. “Após o surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação, o número de pesquisas na área cresceu. Essas apresentações de teses e dissertações fortalecem ainda mais o trabalho fonoaudiológico”, explicou a fonoaudióloga Nadia Azevedo, que coordena o Programa de Mestrado em Ciências

de Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco.

A estudante do curso de Fonoaudiologia da Fundação de Ensino Superior de Olinda (Funeso), Simone Balbino, está animada com as várias possibilidades de atuação que o curso oferece. “São tantas coisas. A perspectiva é grande. Nosso curso está crescendo e com novas áreas. Estou feliz e continuarei contribuindo para que a Fonoaudiologia cresça ainda mais”, comentou Balbino, que no final deste ano concluirá o curso.

Enquanto isso, Rossana Moraes, está iniciando a faculdade. “Apesar de estar no início, já estou me identificando com o curso e quero me especializar na área de audiometria”, explicou a também estudante da Funeso.

O Nordeste está em desenvolvimento. Recentemente, a Fiat anunciou que vai construir sua mais nova e moderna fábrica em Pernambuco, no município de Goiana, Zona da Mata

Norte do estado. Depois de pronta, só a empresa italiana vai empregar quatro mil pessoas. O polo industrial em torno da fábrica abrigará, ainda, fornecedores de componentes e sistemas. Ao todo, juntando os postos de trabalho direto e indireto, o cálculo do Governo de Pernambuco é que 50 mil trabalhadores serão beneficiados com o investimento, que soma R\$ 3 bilhões. A capacidade de produção da fábrica da Fiat será de 200 mil veículos por ano, a partir de 2014.

“Além disso, tem a plena expansão do Complexo de Suape, a Transnordestina e a Transposição do Rio São Francisco. Tudo isso é progresso para o estado, para o Nordeste. Tudo isso é abertura de portas para a Fonoaudiologia, porque gera mais empregos e demanda para o serviço. A profissão hoje tem muito mais visibilidade e atinge as áreas de saúde e educação com vigor e urgência. Vejo excelentes perspectivas da profissão em um futuro muito próximo”, finalizou Nadia Azevedo.



Audiômetro AO-250D de fabricação própria com Registro na ANVISA nº 80100810004



Imitanciômetro AO-400R de fabricação própria com Registro na ANVISA nº 80100810005

ACÚSTICA ORLANDI IND. COM. E SERV. AUDIOLÓGICOS LTDA.

Tel.: (14) 3104-1503 – Fax: (14) 3227-8211

atendimento@acusticaorlandi.com.br - www.acusticaorlandi.com.br

Manutenção, calibração e ensaio de todas as marcas de equipamentos audiológicos (audiômetros, imitanciômetros e cabinas audiométricas - inclusive BERA).



**Calibração
Acreditada de
Audiômetro e
Imitanciômetro**



**Ensaio
Acreditado de
Cabina
Audiométrica**



Fonoaudiologia no Nordeste

A Fonoaudiologia nos Estados da 4ª Região

BAHIA

Os primeiros fonoaudiólogos atuantes na Bahia procediam de outros estados do país e chegaram em meados dos anos 1970. Em 1979, quando havia cerca de 30 fonoaudiólogos na Bahia, foi criado o Núcleo de Pró-Associação de Fonoaudiologia. O núcleo surgiu da necessidade de apoiar o movimento de fonoaudiólogos de outros estados da Federação quanto à regulamentação da profissão. Após esse período, o núcleo expandiu seus objetivos a atividades científicas, como conferências e cursos. A década de 1980 foi marcada pela realização da I Jornada Bahiana de Fonoaudiologia (1983) e do II Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia (1986), este sediado em Salvador. Em 1994, o Núcleo participou da elaboração do anteprojeto do curso de graduação em Fonoaudiologia da UFBA e, em julho do mesmo ano, foi criada a entidade jurídica Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia (Aprofeb). A Fonoaudiologia consolidou-se com o aumento do número de profissionais, o que ocorreu, principalmente, devido à criação dos cursos de graduação, em 1999. Nessa época foi criado o curso na Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Na década seguinte, foi criado o curso na União Metropolitana de Ensino e Cultura (Unime);

PARAÍBA

Os primeiros fonoaudiólogos atuantes na Paraíba foram de marcante importância para a consolidação da Fonoaudiologia no estado e para a criação, em 1997, da FAP (Fonoaudiólogos Associados da Paraíba), órgão associativo voltado para a promoção do trabalho fonoaudiológico. Em 1998, o Centro Universitário de João Pessoa (Unipê) anunciou, pela primeira vez, o vestibular para Fonoaudiologia, o que refletiu na expansão da profissão no estado da Paraíba. Dessa forma, os fonoaudiólogos atuantes na Paraíba eram graduados em cidades como João Pessoa e Petrópolis (RJ) e vinham também de Pernambuco. A minoria concluiu o curso nos anos de 1970, 1980 e 1990 e a maioria nos anos de 2000 a 2002. Recentemente, em 2009 foi dado início ao curso de Fonoaudiologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que tem tido um alto índice de concorrência no vestibular.

ALAGOAS

Assim como nos demais estados, os fonoaudiólogos pioneiros em Alagoas vieram de outros estados. Em 2002, foi publicado no *Diário Oficial do Estado de Alagoas* o decreto reconhecendo e autorizando a Uncisal a criar a primeira turma de Fonoaudiologia naquele estado.

SERGIPE

O curso de graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) foi criado em 2007, com a missão de formar os fonoaudiólogos generalistas capacitados a atuar no campo clínico-terapêutico e na saúde coletiva, comprometidos com os princípios de humanização, acolhimento, vínculo e responsabilidade social. A primeira turma em Sergipe foi graduada em 2010, com 38 profissionais dispostos a atuar no mercado de trabalho. No início deste ano, também foi oferecido o curso de Fonoaudiologia em outro *campus* da UFS, situado em Lagarto. O curso vem se estruturando ao longo desses anos, e um dos indicadores de qualidade foi a primeira nota do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), em que o curso obteve nota 4 no total de 5.

PERNAMBUCO

Em 1981, a Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) tornou-se a primeira instituição de ensino superior do Norte/Nordeste a oferecer a graduação em Fonoaudiologia. Além da Unicap, a Universidade Federal de Pernambuco e a Fundação de Ensino Superior de Olinda (Funeso) oferecem atualmente a graduação em Fonoaudiologia.



CREFONO 5

AC | AP | AM | DF | GO | PA | RO | RR | TO

Histórico da Fonoaudiologia no Tocantins



Divulgação

Reunião da primeira diretoria da Afeto, em 1999.

Deivid Souza, repórter

Renata Collicchio, CRFa 5.271-TO

O surgimento da Fonoaudiologia no estado do Tocantins foi marcado pela migração de profissionais vindos de vários estados do país. A partir de 1993,

com o início do novo estado, pioneiros construíram uma história. O primeiro registro de atuação da Fonoaudiologia foi da fonoaudióloga Maria de Lourdes da Silveira, na cidade de Gurupi.

A partir desse período as fonoaudiólogas Edna Manzano, Hellen

Manzano e Almira Resende marcaram o pioneirismo da profissão em diferentes municípios do estado. No ano de 1995, Ana Claudia Hein iniciou sua atuação na Apae em Miracema.

O serviço de Audiologia em Palmas foi iniciado também em 1995, com a atuação de duas fonoaudiólogas em consultório, juntamente com médicos otorrinolaringologistas. O ingresso do profissional da área no serviço público do estado deu-se em 1996, na Secretaria de Saúde do Estado do Tocantins por concurso público.

Em agosto de 1999 houve a criação da Associação dos Fonoaudiólogos do Estado do Tocantins (Afeto), tendo como primeira presidente a fonoaudióloga Adriana Ferraz. Atualmente o estado conta com aproximadamente 110 fonoaudiólogos.

História da Fonoaudiologia no Amapá

Deivid Souza, repórter

Eliane Contente, CRFa 6.717-AP

Os passos iniciais da fonoaudiologia no estado do Amapá foram dados com a chegada dos primeiros fonoaudiólogos formados. Vindos de diversas localidades, em meados da década de 1990, timidamente iniciaram seus projetos de atuação, principalmente na área da educação especial da Secretaria de Educação do Estado do Amapá.

O reconhecimento da profissão foi ampliado na inauguração do primeiro Centro de Reabilitação do Es-

tado do Amapá. Lá, junto com outros profissionais na área da reabilitação, o fonoaudiólogo foi inserido no quadro efetivo do estado por um concurso público em 1997.

Em 2001 chegaram a Macapá fonoaudiólogos advindos da primeira turma de fonoaudiologia da Universidade da Amazônia (Unama). Entre eles, Eliane Contente, Cristiane Marquiz, Simone Martins e Heraldo Bryan.

No ano de 2006 foi criado um centro de especialidades onde atuam diversos terapeutas, médicos e dentistas, com assistência aos servidores públicos do estado. Neste centro, vários

fonoaudiólogos entraram principalmente com o serviço de avaliação e terapia vocal para professores da rede pública de educação.

No mesmo ano, a Faculdade Seama montou o curso de Fonoaudiologia. Conduzida pela coordenadora e fonoaudióloga Michelle Guimarães, a primeira turma formou-se em dezembro de 2010.

Atualmente está em andamento a formação do Sindicato dos Fonoaudiólogos do Amapá, cujas ações estão sendo conduzidas pela fonoaudióloga Maria Helena Medeiros. O estado conta com 92 profissionais atuantes.



História da Fonoaudiologia em Rondônia

Deivid Souza, repórter

Eliane Shibarro Taira, CRFa 289- RO

Viviane Perillo, CRFa 11.663 SP/T-RO

Na década de 1980 a pedagoga Heloisa Brandão fazia especialização em deficiência auditiva no Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), no Rio de Janeiro, quando conheceu o Instituto Brasileiro de Otorrinolaringologia (Ibro). Nesta época iniciava suas atividades em Porto Velho-RO o Centro de Ensino Especial (Cene). Porém, faltava na equipe um fonoaudiólogo. Heloisa Brandão convidou Eliane Shibarro Taira para compor o time e vieram, então, Eliane Taira e Lara Ramos Tavares de Lima. Juntas, as duas fonoaudiólogas implantaram o serviço na Divisão de Ensino Espe-

cial, dedicado ao atendimento em Fonoaudiologia.

Com a inauguração do Hospital de Base Dr. Ary Pinheiro, em 1983, Eliane Shibarro Taira foi convidada pelo secretário de estado da Saúde José Adelino, para implantar o serviço de Fonoaudiologia. Com o Hospital já em funcionamento e o estado de Rondônia em franco crescimento, vieram, então, outros fonoaudiólogos: Julio Antonio Mesquita do Nascimento (1983), Silvio Roberto I. da Silva (1986), Ludmary C. Lima (1987), Geane Barroso (1989), Manoel Guimarães (1990), Ana Claudia Pinto da Silva (1990), Maria do Socorro Echalar Martins (1993), Sandra Schafer Barreto (1998).

Em agosto de 2001, Eliane Shibarro Taira e Sandra Schafer Barreto fun-

daram a Limiar Clínica de Avaliação e Reabilitação da Audição. Em 2002 foi autorizado, na Faculdade São Lucas, o curso de Fonoaudiologia que em 2005 foi reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Formaram-se até a presente data 137 novos profissionais. Em 2007 foi oferecido o curso de pós-graduação *lato sensu* em Motricidade Orofacial, e em 2011 iniciou-se uma turma de especialização em Audiologia.

Em dezembro de 2009, os fonoaudiólogos e estudantes de Fonoaudiologia uniram-se para fundar a Associação dos Fonoaudiólogos do Estado de Rondônia (Afero). São os primeiros passos de uma representação de classe em um estado jovem, que possui 181 fonoaudiólogos.

A Fonoaudiologia em Roraima

Deivid Souza, repórter

Rosana Magalhães, CRFa 1988-RR

A Fonoaudiologia de forma continuada em Roraima começou em 1984. O marco foi a contratação de profissionais para atuar no serviço público do então Território Federal de Roraima, na Secretaria de Educação, Cultura e Desportos.

As primeiras fonoaudiólogas contratadas foram Carmem Maria do Nascimento Melo, Rosaete de Souza Saldanha e Rosana Roth Magalhães, para prestar atendimentos no Centro de Educação Especial e na Divisão de Ensino Regular da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos de Boa Vista. Era um projeto de "Fonoaudiologia

Educacional", que a secretaria mantinha em parceria com a PUC de São Paulo.

Anteriormente ao ano de 1984 só havia a atuação da Fonoaudiologia por meio de estagiárias do "Projeto Rondon". Um *campus* avançado da Universidade Federal de Santa Maria (RS) era mantido em Boa Vista.

O atendimento em clínicas particulares teve início na década de 1990. Na mesma época, o atendimento na rede pública também foi ampliado com a contratação de novos profissionais. Eles atuavam por meio do sistema de Cooperativas e de firmas prestadoras de serviços, situação que foi regularizada na década seguinte com a realização do primeiro concurso público estadual. Atualmente são aproximadamente 40 profissionais atuando no estado.

Fonoaudiologia no Distrito Federal

Divulgação

Deivid Souza, repórter

Regina Schettini, CRFa 43 - DF

Maria Lucia Torres, CRFa 2.630 - DF

A primeira fonoaudióloga em Brasília foi Maria Rosa da Silveira. Ela e Regina Céli Schettini foram juntas para o Rio de Janeiro fazer o curso que na época chamava Terapia de Linguagem e depois passou a se chamar Logopedia.

Maria Rosa da Silveira voltou para Brasília após a conclusão do curso em 1968. Ela foi diretora do Centro de Ensino Especial e na antiga Fundação Educacional treinou algumas professoras para auxiliá-la com as crianças.

Em 1972 Regina Céli Schettini retornou a Brasília e foi a segunda fonoaudióloga da cidade. Atuou no Centro de Reabilitação Sara Kubitschek nesse mesmo ano, junto com Maria Alice Pimenta. Posteriormente, Mara Neunath assumiu o serviço, pois em 1973 Regina criou o serviço de Fonoaudiologia no HFA e Maria Alice retornou para São Paulo.

Em 1980 foi fundada a Associação dos fonoaudiólogos do DF. A entidade teve como primeira presidente a fonoaudióloga Silvia Regina do Nascimento, passando a se denominar Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do DF (APDF) em 1985.

Maria Nélia também marcou época, atuando bastante no Poder Legislativo Federal (Câmara e



*Dra. Regina Schettini,
uma das pioneiras no
Distrito Federal.*

Senado). Ela se tornou a primeira presidente do Conselho Federal de Fonoaudiologia. O grupo brasileiro foi aumentando e surgiram vários consultórios.

Em 1983, diversos profissionais iniciaram vários serviços no DF, entre eles: Marina Beust, Marina Adelaide Lima, Janete Mayer, Maria José Ceci, Neusa Pereira, Angela Lima, Eneida Pinto, Wania Dantas, Luiz Carlos F. da Silva, Jane Quintanilha, Maria Lucia Torres e Angela Alves.

O primeiro curso de Fonoaudiologia foi criado em 1998 no Centro de Ensino Superior Unificado de Brasília (Cesubra), sob a coordenação da fonoaudióloga Dejeni Nara Dias Sicca, e formou grande parte dos profissionais do DF, que atualmente conta com 631 fonoaudiólogos.

Breve histórico

Deivid Souza, repórter

Silvia Ramos, CRFa 121-GO

Em Goiânia, uma das pioneiras da Fonoaudiologia foi Annete Scotti Rabelo. Ela iniciou seu trabalho em 1973, quando foi indicada ao médico Dr. José Mario de Freitas, neurologista infantil, para iniciar em sua clínica um trabalho de terapeuta da linguagem, realizando um aperfeiçoamento na clínica do Prof. Mauro Spinelli, em São Paulo.

Com a regulamentação da profissão, recebeu o título de fonoaudióloga pelo mestrado concluído na PUC de São Paulo e pelos anos de trabalho na área de Terapia da Linguagem. Ingressou na Universidade Católica de Goiás em 1981, no Departamento de



A Fonoaudiologia no Pará

Deivid Souza, repórter

Márcia Salomão, CRFa 180 - PA

No final do ano de 1980 e no início do ano de 1981, chegaram ao estado do Pará, na cidade de Belém, os primeiros fonoaudiólogos, vindos de outros estados. Vinham do Rio de Janeiro Márcia Salomão e Heloísa Machado e Silva, e de São Paulo vinha Neyla Lara, além da paraense Sonia Câmara.

Em julho de 1981 foi criado o Pró-Núcleo de Fonoaudiologia, unindo as quatro fonoaudiólogas que participaram dos movimentos em prol do reconhecimento da Fonoaudiologia no Brasil. Em dezembro daquele ano a profissão de fonoaudiólogo foi reconhecida e a fonoaudióloga Neyla Lara

fez parte da primeira gestão do Conselho Federal como suplente.

Em 16 de março de 1989 foi criada a Associação dos Fonoaudiólogos do Estado do Pará (Afepa). Na ocasião foi eleita presidente a fonoaudióloga Márcia Salomão.

Em 1997 foi iniciado o curso de Fonoaudiologia na Universidade da Amazônia (Unama). Formação de graduação plena (quatro anos), contou com duas turmas de 50 alunos cada, que colaram grau em 26 de janeiro de 2001.

Foi por meio da Afepa, que os cargos de Fonoaudiologia no estado do Pará foram criados em 2003, e no município de Belém em 2004. A Escola Superior da Amazônia (Esamaz) iniciou seu curso de graduação em Fonoaudiologia

em 2009 e formará sua primeira turma em 2012. Oferece também cursos de pós-graduação em várias áreas desde 2005.

O Sindicato dos Fonoaudiólogos do Pará (Sindfono-PA) foi reconhecido ativo pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) em dezembro de 2010. Ele é presidido pelo Fonoaudiólogo Fabrício Peixoto, aluno da primeira turma de graduação em Fonoaudiologia da Unama.

A presidente atual da Afepa é Elaine Lopes, também aluna da primeira turma de graduação em Fonoaudiologia da Unama. Hoje o Pará conta com 645 fonoaudiólogos, e em 2012 deverá ser instalada a delegacia do CREFONO5 na cidade de Belém.

em Goiás

Psicologia, atuando na sua Clínica. Na UCG, fundou o curso de Fonoaudiologia, que iniciou as atividades em 1986, e lá permaneceu durante quatro anos como coordenadora. Nessa época trabalhavam em Goiânia também as fonoaudiólogas Regina Célia Bernardes e Maria Elizabeth Ferreira, irmãs de médicos otorrinolaringologistas, que buscaram a formação fora do estado e retornaram para atuar na área clínica, de audição e educacional.

Em 1981, houve a primeira reunião entre as fonoaudiólogas Regina Célia Bernardes, Marina Adelaide C. da Silva, Maria Elizabeth Ferreira e Yvone P. do Nascimento, que juntas formaram o núcleo da Associação Brasileira de Fonoaudiologia em Goiás. O grupo

participou de forma ativa na Comissão Nacional para regulamentação da profissão de fonoaudiólogo, tendo como representante do núcleo a fonoaudióloga Marina Adelaide Correia da Silva, que atualmente reside e trabalha no Distrito Federal.

A partir de 1983 as fonoaudiólogas Amélia Cristina Portugal, Anette Scotti Rabelo, Alda Melo e Felicidade Teixeira Rodrigues Guimarães integraram o grupo do núcleo, e nos anos seguintes os fonoaudiólogos Eduardo Silva, Veronica Busato, Maria Dirce Marinho, Cleide Blanche, Livia Pucci, Danya Moreira, Tânia Ribas, Isabel Medeiros, Sandra Regina Silva e Márcia Felon. No início da década de 1990 já somavam 13 profissionais no estado, todos con-

centrados na cidade de Goiânia, número ainda insuficiente para atender à demanda da comunidade nos campos específicos da Fonoaudiologia.

A abertura do curso de Fonoaudiologia na UCG, hoje PUC-Goiás, propiciou a vinda de profissionais de outros estados. Entre eles estão Claudiomar Sales, Maione Maria Miléo, Sílvia Maria Ramos e Celina K. Suzuki.

Em 1999 foi autorizada pelo MEC a abertura do curso de Fonoaudiologia no Instituto Unificado de Ensino Superior Objetivo, em Goiânia. Em 2003 foi fundado o Sindicato dos Fonoaudiólogos do Estado de Goiás, que conta, atualmente, com a fonoaudióloga Lorena Peixoto na presidência. No estado de Goiás, hoje atuam 1.062 fonoaudiólogos.



Fonoaudiologia na 6ª região, mais do que 30 anos de história

Arquivo CREFONO 6



*Posse do 1º Colegiado
do CREFONO 6, em
janeiro de 1998.*

Isadora Dantas, Assessora de comunicação

O exercício da Fonoaudiologia na 6ª Região se dá a partir dos anos 1970, quando profissionais oriundos da área da Educação buscavam formas de solucionar os problemas de aprendizagem de seus alunos. Os primeiros profissionais que aqui atuavam, originalmente, vieram da Logopedia, ou da busca pela melhoria no ensino a alunos que, com dificuldades não compreendidas na época, eram por vezes castigados com inúmeras repetências.

Um forte movimento de fonoaudiólogos instalou-se no Brasil na década de 70 para a regulamentação da profissão, que já se mostrava necessária por diversos órgãos e em diversas áreas. Nessa época a Legião Brasileira de Assistência (LBA) tornou obrigatória a inclusão do fonoaudiólogo em suas clínicas, o que

ampliou o mercado de trabalho, fazendo com que profissionais oriundos dos cursos de Fonoaudiologia já existentes no Rio de Janeiro e São Paulo, viessem em busca de campo de trabalho nos estados que hoje compõem a 6ª Região.

No final da década, com o forte movimento da classe, que lutava pelo reconhecimento profissional, diversas associações de fonoaudiólogos, já existentes, uniram-se formando a Comissão Nacional para a Regulamentação da Profissão de Fonoaudiólogo, com a finalidade absoluta de lutar pelo reconhecimento e direito da Fonoaudiologia.

Com este movimento ocorrendo em todo Brasil, os profissionais atuantes em Minas Gerais, estado este que, após a exigência da LBA, já contava com um número satisfatório de fonoaudiólogos, viram a necessidade da criação de um núcleo de fonoaudiólogos no Estado, que posteriormente se transformou na

Associação de Fonoaudiólogos de Minas Gerais (Afomig). Observada a mesma necessidade, tal Núcleo também foi criado no estado do Espírito Santo.

Em 1981 veio o tão sonhado reconhecimento, por meio da Lei nº 6.965/81, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de fonoaudiólogo, bem como da implantação dos Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia. Desfeita então a Comissão Nacional para a Regulamentação da Profissão, a Afomig passou a lutar por outras causas profissionais, tais como a divulgação da profissão e de sua importância e também por remuneração adequada para a classe.

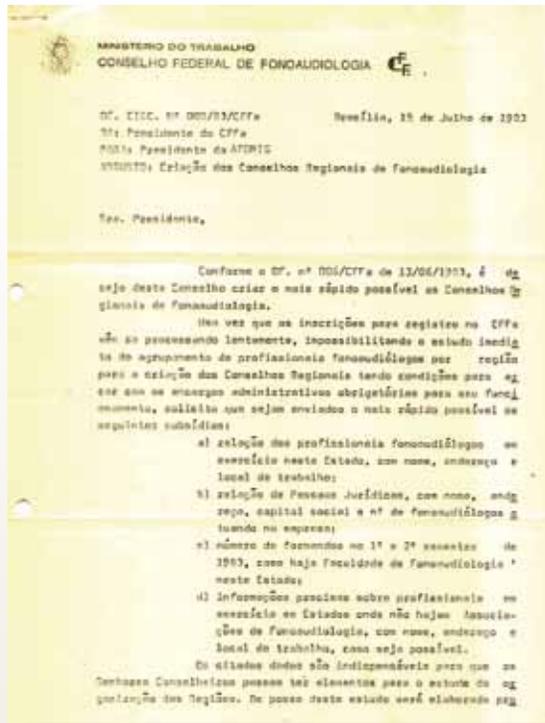
Mesmo com a criação dos Conselhos Regionais, as Associações que já existiam permaneceram na luta pelo conhecimento, pela ampliação do mercado de trabalho e pela remuneração adequada para os profissionais, destacando-se, na região, as Associações do Espírito Santo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, esta última, a AFAMS, existente e atuante até hoje.

A CRIAÇÃO DA 6ª REGIÃO – Após a instalação do Conselho Federal de Fonoaudiologia em Brasília e com o crescimento da profissão em todo o país, núcleos e associações de fonoaudiólogos reuniam-se periodicamente para discussão de assuntos pertinentes à melhoria da profissão.

Um dos assuntos sempre em pauta era a implantação dos Conselhos Regionais, ato este que se estabeleceu em 1983, quando se definiu que Minas Gerais e Espírito Santo compreenderiam a 1ª região, com sede no Rio de Janeiro, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul compreenderiam a 2ª região, com sede em São Paulo.

Anos se passaram, e o número de profissionais aumentou, tendo a necessidade de ampliar e redefinir os Conselhos Regionais existentes. A 1ª Região (RJ, MG e ES) contava com um número grande de fonoaudiólogos e o espaço geográfico dificultava as fiscalizações, que são a principal ação dos Conselhos. O mesmo acontecia com a 2ª Região (SP, MT e MS). Assim, por intermédio e com muita luta de profissionais engajados, a 6ª Região foi estabelecida.

Com a resolução datada de 1996, uma junta dirigiu o regional e organizou eleições para o 1º colegiado da 6ª Região, permanecendo no cargo por um ano. Em janeiro de



Informativo da APRFERJ sobre a criação dos Conselhos Regionais.



Equipamentos Audiológicos Interacoustics é no Teuto! Distribuidor Oficial desde 1984.

De profissionais para profissionais.



- Audiômetros
- Imitanciômetros
- Otoemissões Acústicas

- BERA (ABR)
- P300
- VEMP
- Ganho de Inserção

Atendimento Nacional: 0800 - 725.8333
São Paulo: (011) 2384-0488

www.centroauditivo.com.br



1998 o primeiro colegiado tomou posse, dando início a um ciclo de ampliação profissional, fiscalização e divulgação da Fonoaudiologia. Inicialmente a região era composta por Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, com sede em Belo Horizonte. Nessa época os cinco estados juntos possuíam cerca de 1.000 profissionais inscritos.

No ano de 2000 viu-se a necessidade da separação da 5ª Região do Conselho Federal, pois sua sede funcionava nas instalações do CFFa. Visto isto, Goiás separou-se da 6ª Região, ingressando na 5ª, que passou a ser sediada em Goiânia.

É importante frisar que este regional, assim como os demais, só foi criado graças ao movimento de associações, tais como a Afomig, Afams, Aesfa, sindicatos e alguns profissionais de destaque, que lutaram e fizeram a diferença na profissão. Aqueles que vieram trabalhando em prol da Fonoaudiologia e que fizeram com que ela chegasse ao ponto que chegou, em que já não se escuta mais a famosa frase "O que é Fonoaudiologia?", mas sim: "A Fonoaudiologia também trata isso?", como bem dito pelo fonoaudiólogo Nelson da Silva Campos Júnior (CRFa 109/MT), fundador do primeiro curso de Fonoau-

diologia do Mato Grosso e também ex-conselheiro.

Hoje a 6ª Região conta com 6.127 inscritos (dados até novembro de 2011), entre pessoa física e jurídica, cerca de 1.270 fiscalizações e orientações anuais, para garantir o exercício legal da profissão, bem como proteger a população de lesões pela realização indevida. Além disso, o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 6ª Região realiza sete campanhas de divulgação e orientação à população durante o ano, para tornar públicas as suas sete áreas de atuação, abrindo assim novos campos de trabalho e maior procura pelos profissionais.

Criação dos primeiros cursos de Fonoaudiologia

Isadora Dantas,
Assessora de comunicação

A implantação dos cursos de Fonoaudiologia na região também é um marco importante para o desenvolvimento profissional. Após o reconhecimento oficial em 1981, o número de profissionais começou a aumentar consideravelmente, estimulado também pela implantação da Fonoaudiologia em clínicas de reabilitação e em programas das Secretarias de Estado de Educação e, mais tarde, das Secretarias de Estado de Saúde.

O primeiro curso da 6ª Região foi criado em 1990 no Instituto Metodista Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, que foi responsável pelos primeiros fonoaudiólogos formados na região. A partir daí o mercado pôde contar com mais profissionais, ampliando sua área. O curso existe ainda hoje e é reconhecido como pioneiro na região.

Num movimento de ampliação do cenário fonoaudiológico regional, outras instituições privadas se movimentaram, juntamente com fonoaudiólogos que já atuavam há

bastante tempo e lutaram pelo reconhecimento e conhecimento da profissão, abrindo novos cursos.

Diante do crescimento profissional as universidades federais abriram seus cursos de Fonoaudiologia para acesso de qualquer classe social, iniciando o movimento pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2000, seguida pela Universidade Federal do Espírito Santo em 2007.

Hoje, a 6ª Região conta com 13 cursos de Fonoaudiologia, entre instituições públicas e privadas.



Agradecimento aos fonoaudiólogos pioneiros

Isadora Dantas, assessora de comunicação

Imaginem o que é trabalhar em uma profissão não reconhecida, em que qualquer um pode atuar, na qual você tem de ser autodidata e que não haja quem responda pelos seus direitos?

Não há muito tempo que fonoaudiólogos como Celeste Maria Martins Cabral (CRFa 14-MG), Nelson da Silva Campos Júnior (CRFa 109-MT), Teresa Cristina Moura de Oliveira (CRFa 70-MG), Cláudia Maria de Souza Basbaum (CRFa 138-MG), Maria Antônia Seidler Konert (CRFa 87-MG), Júlia Ulrich Alves de Souza (CRFa 03-MT), Maria Cristina R. Gonzaga (CRFa 32-ES), Maria Auxiliadora S. Borges (CRFa 24-ES), Vitória M. Almeida Valentim (CRFa 84-ES), Célia Regina Maciel de Andrade Nogueira (CRFa 35-MS), Cybele de Fátima Victorio M. Rispoli (CRFa 37-MS) e tantos outros, que fizeram tanto pela Fonoaudiologia, trabalharam nesta situação durante anos. E após o reconhecimento profissional, muitas lutas foram travadas em prol de uma classe que precisava buscar seu espaço, dividindo-o com tantos outros profissionais, que já haviam consolidado seu lugar.

Se hoje a Fonoaudiologia é uma ciência reconhecidamente responsável pela comunicação humana, deve-se muito a tantos profissionais que estudaram o que ainda não havia sido transformando em curso de ensino superior, que lutaram pelo reconhecimento legal, que bravamente levantaram a bandeira de um movimento em prol de uma profissão que não se sabia o que era, o que fazia nem seu real valor.

A todos que tornaram possível o título de Fonoaudiólogo e o prazer em contribuir para a comunicação humana, o agradecimento deste Regional em nome de todos os 6.127 profissionais aqui inscritos.

Se hoje a Fonoaudiologia é uma ciência reconhecidamente responsável pela comunicação humana, deve-se muito a tantos profissionais que lutaram pelo reconhecimento legal.



Audiômetro AVS-500

- > 100% digital;
- > Comunicação com computador;
- > Tecnologia de ponta;
- > VA, VO, LOG, Campo;
- > Três tipos de mascaramento.

Calibração

- > A vibrasom possui um moderno laboratório com equipamentos de última geração da marca Brüel & Kjær.

Registrado no Ministério da Saúde nº 802058100 001



Software Audio Control

- > Relatórios
- > Resultado em Tempo real
- > Comunicação com Audiômetro
- > Suporte Técnico on line



Cabines Audiométricas

- > Totalmente sem parafusos
- > Montagem em menos de 10 minutos
- > Eficiência comprovada conforme ISO 8253-1.
- > Laudos do IPT e INMETRO.



VIBRASOM
Tecnologia Acústica
SOLUÇÕES EM TRATAMENTO ACÚSTICO
Telefones: (11) 4393-7900
www.vibrasom.ind.br



Os 30 anos de Fonoaudiologia como profissão regulamentada

Marlene Canarim Danesi,
Presidente do Crefono 7

Desde que a Lei nº 6.965 regulamentou a profissão de fonoaudiólogo, em todos os dias 9 de dezembro comemora-se o Dia do Fonoaudiólogo. Comemoração mais que justificada, especialmente em 2011, quando faz exatamente 30 anos, que após muito esforço e muita luta, um grupo de destemidos profissionais conseguiu realizar o maior sonho de suas vidas - oficializar no Brasil a profissão que tinham escolhido para o seu fazer cotidiano. Profissão já reconhecida legalmente em vários outros países. Entretanto não se pode confundir regulamentação com existência da profissão. A

Fonoaudiologia como prática é muito anterior à data da regulamentação.

Ainda assim, a ideia dominante entre os profissionais da área é que a história da Fonoaudiologia inicia com a criação dos primeiros cursos superiores, na década de 1960. Porém, esta relação de causalidade entre o caráter acadêmico e o início da história da Fonoaudiologia não é consensual. Muitos defendem, e com razão, a ideia de que as práticas fonoaudiológicas datam do início do século, apoiando-se em documentos e textos que comprovam que o tratamento dos distúrbios da comunicação é muito anterior à formação acadêmica.

Nossa profissão sempre sofreu influências de outras áreas, tais como a

Medicina, a Psicologia, a Linguística e, mais recentemente, a Psicanálise, até porque os fundamentos que sustentam o fazer fonoaudiológico foram organizados e sistematizados por estas ciências. A Fonoaudiologia também estabelece relações com a Educação, especialmente com a Educação Especial, não só porque grande quantidade dos indivíduos com distúrbios da comunicação são frequentadores de escolas ou classes especiais, mas também porque Fonoaudiologia e Educação Especial têm uma vinculação histórica em quase todos os estados do Brasil.

No Rio Grande do Sul, a vinculação maior é com a história da educação dos surdos. Justamente porque a primeira pessoa que se tem notícia a exercer a profissão de fonoaudiólogo, em Porto Alegre, foi a alemã Luiza Gratzfeld, que chegou ao Brasil em 1905, contratada por uma tradicional família gaúcha para atender um menino com surdez congênita neurosensorial. A ortofonista permaneceu na família até 1911, quando casou, passando a assinar-se Luiza Schmited e, junto com o marido, fundou uma escola internato para crianças e adolescentes surdos, que funcionou até 1950. Luiza ensinou técnicas, procedimentos e métodos a um número de profissionais, até sua morte em 1970, na cidade de Ivoti, para onde se transferiu depois do fechamento da escola.

Acervo pessoal



Foto histórica das pioneiras da Fonoaudiologia no Rio Grande do Sul.

Na década de 1960, já existiam muitos profissionais no Rio Grande do Sul trabalhando na área dos distúrbios de comunicação. Profissionais com vivências e origens em distintas áreas do conhecimento, principalmente na Educação e na Saúde. Alguns vinham da música, o que explica a formação das áreas tradicionais da Fonoaudiologia: Audição, Linguagem e Voz. O desejo desses profissionais em aprofundar e aprimorar conhecimentos resultou na promoção de cursos, jornadas, seminários e na busca de formação no exterior.

Entretanto, os pioneiros tinham consciência também da necessidade de melhor organização da categoria, de propiciar maior profissionalismo a suas práticas e de dar à profissão um caráter acadêmico e científico. Sabiam também que para atingir essas metas precisavam de união, determinismo e coragem. Reunindo esforços, lutaram pela criação de associações, de cursos universitários, pela regulamentação da profissão e pela organização do Conselho Federal, objetivos planejados e todos atingidos.

Compreender as razões históricas da nossa profissão não é tarefa fácil, mas extremamente necessária, pois é só conhecendo o passado, que se enfrenta o presente e se pensa e organiza o futuro. As gerações mais recentes desconhecem as dificuldades e os conflitos encontrados em todo o processo de construção da Fonoaudiologia, talvez ao conhecer um pouco da história e da luta, os jovens fonoaudiólogos possam valorizar mais as conquistas, terem mais esperança ao verificar que mesmo situações difíceis não são imutáveis e assim continuar lutando por tudo aquilo que necessi-

ta ser conquistado. Não seria possível neste artigo fazer uma reconstrução histórica da profissão, mas me proponho resumir brevemente as grandes etapas da nossa história.

A década de 1960 caracterizou-se pelo pioneirismo, pelas grandes lutas e pelo enfrentamento com outras profissões, pela necessidade de afirmação da identidade profissional. Já na década de 1970, junto com a luta pela regulamentação profissional, os fonoaudiólogos sofreram uma modificação no seu perfil. As preocupações conceituais, o estudo de grandes teóricos – Piaget e Vigotsky –, foram responsáveis pelas mudanças nas relações terapeuta-pacientes, bem como iniciou as interfaces com outras profissões.

Nos anos 1980 a Fonoaudiologia acompanhou as grandes mudanças da sociedade, havendo necessidade de o fonoaudiólogo sair dos consultórios e compreender a importância do ambiente familiar, cultural e social. A função social da linguagem e seu uso como instrumento do pensamento começaram a ser valorizados. Mas, paradoxalmente, também no início dessa década houve um afastamento da Fonoaudiologia da área da Educação e uma grande aproximação na área da Saúde. Quando na verdade, em suas origens, a Fonoaudiologia é uma profissão híbrida.

Na década de 1990 houve um crescimento extraordinário para a profissão; foi quando a Fonoaudiologia constituiu-se em uma área de conhecimento científico, consolidando seu campo conceitual e teórico. Como o processo de construção histórica é infinito, atualmente a Fonoaudiologia, já tendo resolvido seus problemas es-

truturais, precisa enfrentar novos desafios: repensar o processo terapêutico, sair em busca de novas metodologias, mais adequadas aos novos tempos, e encontrar alternativas de soluções para a crise de valores e de conhecimento que existe dentro da profissão.

Eis em breves pinceladas a perspectiva histórica para a modernidade. A Fonoaudiologia deve ultrapassar-se para se reencontrar. E o fonoaudiólogo do novo milênio precisa ter como valores a flexibilidade, a autonomia, a resiliência, que é a capacidade de adaptar-se rapidamente, além do estudo permanente e da busca constante pela transdisciplinaridade. Necessita voltar a ter perfil híbrido, ser tanto um profissional da saúde, como da educação, colocando-se como o profissional que trabalha com a saúde e não com a doença, identificando-se como cidadão compromissado com a melhoria da atenção à saúde e educação do nosso país, carentes de bons profissionais.

O fonoaudiólogo do século XXI precisa entender as razões históricas de sua profissão, mas também compreender suas realizações cotidianas, pois é por meio delas que vai entender as dimensões sociais e culturais da Fonoaudiologia. Ele ainda necessita ser capaz de viabilizar o uso compartilhado do conhecimento passado e presente, mas também estar atento à criação de novos paradigmas para o futuro. Este é o profissional que a profissão necessita, este é o fonoaudiólogo que continuará escrevendo nossa história. Finalizo parafraseando o presidente Kennedy: "Não pergunte o que a Fonoaudiologia pode fazer por você, mas sim o que você pode fazer pela Fonoaudiologia".



Retrospectiva: a Fonoaudiologia no Ceará

Reprodução



Primeira turma de Fonoaudiologia do Ceará durante o curso.

Salete Fontenele, CRFa 2.278-CE

OS PIONEIROS – A escritora e poetisa Maryann Leitão Karam foi pioneira no Ceará como professora de correção da linguagem, oratória e desinibição. No início dos anos 1970, ela já ministrava cursos para empresários, políticos, executivos, comunicadores, profissionais liberais e para o público em geral. Na mesma época, também atuavam com crianças portadoras de necessidades especiais as fonoaudiólogas Ligia Magalhães e Conceição Castro.

A fonoaudióloga Darcy Sucupira especializou-se em patologias da

linguagem e Conceição de Maria atuava em distúrbios vocais e dava cursos de impostação da voz para profissionais da comunicação. Essas pessoas atuavam em Fortaleza muito antes da aprovação da lei que regulamentou a profissão.

Em 1977 chegaram a Fortaleza os fonoaudiólogos Bárbara Brady Busgaib e Leonardo Giglio. No ano seguinte, Eloi José Meinerz, que foi o primeiro a trabalhar em Audiologia no Ceará, e quase à mesma época, as fonoaudiólogas Eda Queiroga e Alba Regina Marcondes Ferraz começaram suas atividades.

Fernando Praça e Francisco José Motta Barros de Oliveira, médicos otorrinolaringologistas conceituados na capital, foram os primeiros profissionais da área a incentivar os profissionais da Fonoaudiologia e, aos poucos, mais profissionais foram chegando e se engajando no mercado de trabalho, como Elisabeth Simoni, Teresa Rebouças, Neide Pimental, entre outros.

Alguns anos depois, em 1981, com o advento da lei que regulamentou a profissão, o Governo do Estado ofereceu, pela primeira vez em seu edital, vagas para o cargo de fonoaudiólogo

no concurso público. Inicialmente, os aprovados foram lotados na Secretaria de Educação, e, 10 anos mais tarde, remanejados para a Secretaria da Saúde. Este concurso público não foi pioneiro somente no Ceará. Também foi o primeiro realizado no Brasil.

Trabalharam para essa conquista os fonoaudiólogos que aqui já residiam, com uma atuação marcante da fonoaudióloga Alba Regina Marcondes Ferraz, e dos demais profissionais que aqui já atuavam.

A ORGANIZAÇÃO PROFISSIONAL

– Quando a cidade já contava com mais de uma dezena de profissionais foi fundada a Associação dos Fonoaudiólogos, depois denominada Associação Profissional, que teve como seu primeiro presidente o fonoaudiólogo Leonardo Giglio.

Em 1984 a Universidade de Fortaleza (UNIFOR) apresentou em sua grade de vestibular, o curso de Fonoaudiologia. A responsável pela implantação do curso foi a fonoaudióloga Bárbara Busgaib, tendo sido ela a primeira coordenadora, substituída após o término de sua gestão pela fonoaudióloga Neide Pimenta.

Nessa mesma época, o Governo do Estado inaugurou a Clínica Helena Antipoff, que atendia os funcionários do estado, com principal enfoque no atendimento a crianças com necessidades especiais. A montagem e estruturação do setor de Fonoaudiologia foi um esforço conjunto das fonoau-

diólogas Eda Queiroga e Maria Elisabete Simoni Gouveia.

Três anos depois, os fonoaudiólogos Bruno Guimarães e Salete Fontenele foram convidados para trabalhar com um grupo de laringectomizados no Instituto do Câncer do Ceará, onde estruturaram o setor e fundaram a Associação dos Laringectomizados do Ceará, que até hoje tem colaborado na reabilitação dos pacientes e sua reintegração na sociedade.

Na sequência, mais um êxito obtido foi a criação da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, fundada por

Temos uma dívida de gratidão com esses pioneiros que se mobilizaram para a regulamentação e o crescimento da profissão.

fonoaudiólogas cearenses e paulistas, em 1988. Da primeira diretoria faziam parte vários profissionais do Ceará, sendo sua primeira presidente a fonoaudióloga Bárbara Busgaib,

O III Congresso Nacional de Fonoaudiologia e I Congresso Internacional de Fonoaudiologia foram realizados no Ceará. Nessa ocasião houve a oportunidade de trazer palestrantes de 15 países e também nomes que já se projetavam nacionalmente.

Com o crescimento do mercado de trabalho, fazia-se necessária a criação de uma entidade que

cuidasse dos processos trabalhistas que envolviam a categoria, e em novembro de 1994, por iniciativa das fonoaudiólogas Hyrana Frota e Salete Fontenele, a antiga Associação de Profissionais de Fonoaudiologia do Ceará foi transformada em sindicato, sob a sigla Sindfono. A entidade tem sido uma referência no Nordeste, e foi o segundo sindicato criado no país. A primeira presidente foi a fonoaudióloga Salete Fontenele, que foi sucedida pelas fonoaudiólogas Hyrana Frota e Danielle Levy.

Em 1997, por iniciativa do Conselho Federal de Fonoaudiologia, foi criado o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 4ª Região, que incluía o Estado do Ceará. Da primeira gestão participaram os fonoaudiólogos Salete Fontenele, Charleston Palmeira, Marília Fontenele, Hyrana Frota, Darcy Sucupira e Geraldo Lemos.

No ano seguinte foi implantado mais um setor de Fonoaudiologia no estado, o Centro de Saúde Heitor Catunda. O centro atendia um público de 500 pessoas por mês, nas patologias ligadas a linguagem, fala, voz e audição.

Em 2002 foi criada a Cooperativa de Fonoaudiologia do Estado do Ceará (Coopefono), que teve como primeira presidente Maria Estephânia Rocha Lima Silveira.

A 4ª Região foi desmembrada em 2006, dando espaço para a criação da atual 8ª Região, composta pelos estados de Ceará, Piauí, Rio Grande



do Norte e Maranhão. A entidade está na segunda gestão e sua atual presidente é a fonoaudióloga Hyrana Frota Cavacante.

Outro curso de Fonoaudiologia surgiu no Ceará em 2008, na Faculdade de Tecnologia Intensiva (Fateci). Este foi um projeto da fonoaudióloga Rosana Lório Ferreira, com propostas de ampliar o mercado de trabalho e fortalecer a saúde pública na rede hospitalar. Ela foi a autora do projeto e, atualmente, é a coordenadora do curso, que iniciou com 78 alunos, 32 no turno da noite e 46 no turno da manhã. A colação de grau da primeira turma deve acontecer em agosto do próximo ano.

Nestes trinta anos de regulamentação temos visto a Fonoaudiologia crescer e ampliar seus campos de trabalho no nosso estado. No Ceará, um grande número de prefeituras já inclui esses profissionais em seus quadros, com oferta de vagas em seus concursos públicos. Estamos presentes em escolas, hospitais, clínicas particulares, postos de saúde,

equipes de NASF, mas ainda temos muito que crescer.

O CREFONO 8 tem uma dívida de gratidão com esses pioneiros que se mobilizaram para a regulamentação e o crescimento da profissão, num trabalho muitas vezes silencioso, para que o objetivo fosse alcançado. Hoje somos respeitados por todos os profissionais de saúde, pela competência e abnegação de nosso trabalho. Este é um espaço que conquistamos com muita luta e que

pretendemos ampliar mais ainda.

Aos colegas que iniciaram antes de nós como terapeutas da palavra, terapeutas da linguagem, professores de declamação e professores de surdos, também nossa imensa gratidão, pois graças a eles a Fonoaudiologia teve boa aceitação e o reconhecimento da profissão. Pela comprovação de seu trabalho com os clientes, pacientes, alunos e grupos sociais, eles foram agraciados com o título de fonoaudiólogos.



Divulgação

Posse do 1º Colegiado do CREFONO 8

A Fonoaudiologia no Piauí

Maria Cecília Baldi Simões Ferreira, CRFa 3.899-PI

O trabalho de Fonoaudiologia no estado do Piauí teve início em 1986, com a vinda da fonoaudióloga. Maria Cecília Baldi Simões Ferreira, de São Paulo para Teresina. Ela veio com a missão de implantar o Setor de Fonoaudiologia no Hospital São Marcos para atendimento de pacientes fissurados, que atualmente é referência no Nordeste.

Em 1991, criou-se a Associação dos Profissionais de Fonoaudiologia do Piauí (Aprofopi), que teve como sua primeira presidente a fonoaudióloga Rita Mendes. Em 1995 a Associação promoveu a 1ª Jornada de Fonoaudiologia do Piauí.

Os primeiros cursos de graduação só surgiram em 2005, nas faculdades Faespi e Novafapi, que formam em média 50 profissionais por semestre e que impulsionaram a profissão no estado, com a inclusão de vagas em concursos públicos.

Fonoaudiologia em São Luís-MA

Maria Regina Tribuzi, CRFa 8.710-MA

Nos registros da Fonoaudiologia em São Luís-MA, existem algumas profissionais que contribuíram sobremaneira para a divulgação da profissão no estado. Dentre elas pode-se destacar a fonoaudióloga Anaide Portela, que concluiu sua graduação no ano de 1981, no Instituto Cultural Henry Dunaut, atualmente Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, retornando logo após para São Luís, onde desenvolve sua prática clínica há aproximadamente vinte e cinco anos.

A fonoaudióloga em questão iniciou suas atividades em parceria com o neurologista Dr. Arthur Almeida, sendo o número de pacientes ainda bem pequeno, inicialmente, em razão da falta de conhecimento acerca da relevância da profissão.

O primeiro concurso estadual que ofereceu vagas para fonoaudiólogos aconteceu no ano de 1992, sendo nomeada a fonoaudióloga Flor de Liz Campos Ribeiro. Ainda nesse mesmo concurso foram aprovados Rosália Milete Vasconcelos, Ana Maria Regis Vasconcelos e Adriana Feijão.

No ano de 1994 houve outro concurso, também promovido pelo Governo do Estado, em que foram aprovados três fonoaudiólogos: Manoel Tadeu Rodrigues Cardoso, Marineide Cordeiro Marques e Isabel Amada.

O primeiro vestibular para o curso de Fonoaudiologia foi promovido pela Faculdade Santa Terezinha-Cest, em 1999. A primeira turma colou grau em julho de 2003. A segunda faculdade a oferecer o curso foi o Centro Universitário do Maranhão (Uniceuma), autorizado em 2001, formando a primeira turma em 2005.

Fonoaudiologia no Rio Grande do Norte

Valéria Xavier Ferreira, CRFa 5.461-RN

Os profissionais de Fonoaudiologia começaram a atuar no Rio Grande do Norte em 1988, quando os profissionais foram contratados para trabalhar no Centro de Reabilitação Infantil (CRI). Em 1990 houve o primeiro concurso público do estado.

Em 1997 houve a aula inaugural do curso de Fonoaudiologia da Universidade Potiguar (UnP), contando com 50 alunos. Em 2001, a primeira turma se graduou colocando no mercado 34 profissionais formados pela Instituição.

Em 2005 houve o primeiro concurso público em Natal, quando os profissionais foram lotados para trabalhar em: Gestão – núcleo de projetos especiais, policlínicas, unidades básicas de saúde, maternidades e CAPs – saúde mental.

Na mesma época, também houve a inserção da Fonoaudiologia na Escola Maria Auxiliadora.

Em 2008 foi realizado o primeiro concurso do estado do Rio Grande do Norte. Em decorrência disso houve a inserção do profissional de Fonoaudiologia no Hospital Walfredo Gurgel, no Centro de Tratamento de Queimados (CTQ) no setor de Neurologia das unidades de saúde, nas UTIs, no Centro de Reabilitação Adulto (CRA), no Hospital Maria Alice e na unidade Giselda Trigueiro.

No ano seguinte, em 2009, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte também abriu vestibular para o curso de Fonoaudiologia, aprovando 35 futuros profissionais. Nessa mesma época também foi aberta seleção para contratação de fonoaudiólogos para a Maternidade Januário Cicco.

OFERTAS ESPECIAIS EM 10X SEM JUROS. VOCÊ NÃO VAI ESCUTAR NADA MELHOR POR AÍ.



Audiômetro A260

+ MALETA E SOFTWARE



10X R\$ **589,00**
SEM JUROS

ALTA
DURABILIDADE

PRODUZIDO NA
INGLATERRA

MELHOR CUSTO BENEFÍCIO:
PRODUTO IMPORTADO
POR PREÇO NACIONAL

- Audiometria Tonal por via Aérea e Ósea
- Audiometria Vocal
- Mascaramento
- Processamento Auditivo Central
- Totalmente leve e portátil

PRONTA ENTREGA

Oto-Emissões

A Triagem
Auditiva Neonatal
mais moderna
e simples

PRODUZIDO NA
DINAMARCA

otometrics

LANÇAMENTO



10X SEM JUROS

- Visor Touchscreen
- Menu totalmente em português
- Navegação e inserção de dados fácil e intuitiva
- Testes e apresentação de resultados detalhadas
- Memória interna de 500 exames
- Upload de lista de pacientes
- Download de dados do paciente
- Bateria recarregável

PRONTA ENTREGA

Audiômetros | Imitanciómetros | Oto-emissões | Bera | Cabines | Calibrações

vitasons PRO)))

Assistência Técnica em todo o Brasil

(51) 2108.1919 | www.vitasons.com.br

vitasons